



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**  
**MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**CLÉBER LEMOS DE ARAÚJO**

**O USO DO PRONOME *TE*: REFLEXÕES NUMA PERSPECTIVA**  
**CLÁSSICA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL**

**João Pessoa - PB**

**2015**

CLÉBER LEMOS DE ARAÚJO

O USO DO PRONOME *TE*: REFLEXÕES NUMA PERSPECTIVA  
CLÁSSICA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em  
Linguística da Universidade Federal da Paraíba-UFPA, como  
requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

Orientador: Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos

**João Pessoa - PB**

**2015**

A663u Araújo, Cléber Lemos de.  
O uso do pronome *Te*: reflexões numa perspectiva clássica da linguística funcional / Cléber Lemos de Araújo.- João Pessoa, 2015.  
84f. : il.  
Orientador: Denilson Pereira de Matos  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA  
1. Linguística. 2. Teoria e análise linguística. 3. Pronome oblíquo *Te*. 4. Prototipicidade. 5. Topicalização.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

CLÉBER LEMOS DE ARAÚJO

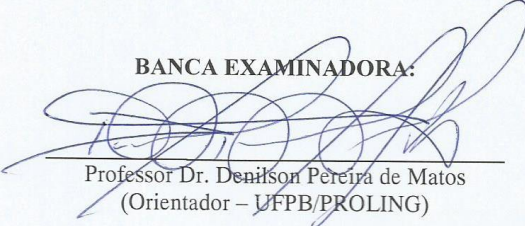
O USO DO PRONOME *TE*: REFLEXÕES NUMA PERSPECTIVA CLÁSSICA DA  
LINGUÍSTICA FUNCIONAL

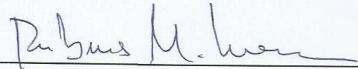
Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em  
Linguística da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como  
requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.  
Área de concentração: Teoria e Análise Linguística  
Linha de pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

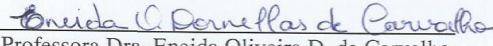
Orientador: Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos

Data da aprovação: 28 / 08 / 2015

**BANCA EXAMINADORA:**

  
Professor Dr. Denilson Pereira de Matos  
(Orientador – UFPB/PROLING)

  
Professor Dr. Rubens Marques de Lucena  
(Examinador – UFPB/PROLING)

  
Professora Dra. Eneida Oliveira D. de Carvalho  
(Examinadora – UEPB)

LEMOS, Cléber A.. O uso do pronome *te*: reflexões numa perspectiva clássica da *linguística funcional*. João Pessoa-PB, 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2015.

## RESUMO

Este trabalho analisa o uso prototípico do pronome oblíquo *te*, mas, também, conseqüentemente, as manifestações não regulares deste pronome. Privilegiou-se uma abordagem mais moderada da linguística funcional, adotando alguns conceitos do funcionalismo (prototipicidade e topicalização) que embasaram a presente pesquisa. O banco de dados C-Oral-Brasil, de Minas Gerais, que se dedica ao estudo da fala espontânea do português brasileiro, através da compilação de um *corpus* de textos orais produzidos em contexto natural, foi o que acolheu nossas prerrogativas de investigação. Verificou-se que a função sintática prototípica do pronome em estudo é a de objeto indireto. Outra questão examinada foi a relação do pronome oblíquo átono *te* com estruturas verbais: constatou-se que os sujeitos do *corpus*, preferiram determinados verbos simples e locuções verbais movidos por algum interesse, motivo este que pode ser explicado a partir da noção de uso da linguística funcional. Sobre a colocação pronominal, constatou-se que a posição proclítica é a posição prototípica. Vale salientar que esta pesquisa identificou a presença da mesóclise em situações de uso mais voltadas para a informalidade, rescindindo um posicionamento estigmatizado de que a mesóclise pertence ao campo de registro mais formal e escrito. No que se refere à localização do pronome oblíquo *te* na sentença, os usos demonstraram o deslocamento deste pronome, dirigindo-se a posição topicalizada e, desta forma, nas ocorrências do *corpus* analisado, evidenciou-se a expressiva movimentação na ordem dos constituintes de SVO para SOV. No que concerne às manifestações não regulares, destaquem-se: as ocorrências sintáticas como objeto direto; a posição mesoclítica, encaminhada a partir da presença da *tmese*; e a presença mínima do objeto direto e indireto pleonásticos.

**Palavras-chave:** pronome oblíquo *te*; prototipicidade; topicalização.

## ABSTRACT

LEMOS, Cléber A.. The use of the pronoun you: *reflections in a classic perspective of the functional linguistics*. João Pessoa-PB, 2015. Dissertation (Master's Degree in Linguistic Studies). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2015.

This work analyses the use prototypical of the oblique pronoun *te*, but, also, consequently, non-regular manifestations of this pronoun. There was privileged an approach more moderate of the functional linguistics, when it are adopting some concepts of the functionalism (prototipicity and topicalization) that substantiate the present research. The database C-Oral-Brasil, of Minas Gerais, which is dedicated to the study of the spontaneous speech of a Brazilian Portuguese, through the compilation of a corpus of oral texts produced in natural context, was what it welcomed our prerogatives of investigation. One checked that the syntactic prototypical function of the pronoun in study is indirect object. Another examined question went to relation of the oblique pronoun *te* with verbal structures: it was noticed that the subjects of the corpus, preferred determined simple verbs and verbal phrases moved by some interest, this reason that can be explained from the notion of use of the functional linguistics. On the pronominal placing, it was noticed that the proclitic position is the prototypical position. It is worth pointing out that this research identified the presence of the mesoclisism in situations of use more turned to the informality, when there is rescinding a stigmatized positioning of which the mesoclisism belongs to the most formal field of register and written. As for the location of the oblique pronoun *te* in the sentence, the uses demonstrated the dislocation of this pronoun, when the position is addressing topicalized and, in this way, in the events of the analyzed corpus, the expressive movement showed up in the order of the constituent ones of SVO for SOV. In what concerns to the non-regular manifestations, stand out: the syntactic events as direct object; the mesoclitic position, directed from the presence of the *tmese*; and the least presence of the pleonastic direct object and pleonastic indirect object.

**Keywords:** oblique pronoun *te*, prototipicity, topicalization.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro I:</b> Os pronomes pessoais no Português Brasileiro -----	26
<b>Quadro II:</b> Transformação dos pronomes pessoais do caso reto em morfemas verbais número-pessoais no PB informal-----	27
<b>Quadro III:</b> Critérios de transitividade oracional-----	29
<b>Quadro IV:</b> Menu de busca do Projeto AC/DC: corpo C-Oral-Brasil -----	39
<b>Quadro V:</b> Função sintática do pronome <i>te</i> -----	43

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Verbos/pronome <i>te</i> -----	44
<b>Tabela 2:</b> Locuções verbais/pronome <i>te</i> -----	49

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> Função sintática prototípica-----	42
<b>GRÁFICO 2:</b> Verbo/quantidade de ocorrências-----	45
<b>GRÁFICO 3:</b> Verbos mais frequentes ou outros verbos -----	47
<b>GRÁFICO 4:</b> Verbos que mais se relacionam com o pronome <i>te</i> -----	48
<b>GRÁFICO 5:</b> : Locuções verbais/quantidade de ocorrências-----	50
<b>GRÁFICO 6:</b> Locuções verbais mais frequentes/outras locuções verbais-----	53
<b>GRÁFICO 7:</b> Locuções verbais que mais se relacionam com o pronome <i>te</i> -----	53
<b>GRÁFICO 8:</b> Ocorrências com verbos simples e com locuções verbais-----	55
<b>GRÁFICO 9:</b> Posição do pronome <i>te</i> diante da locução verbal-----	57

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

GT: Gramática Tradicional

ANBG: Antes da Nomenclatura Gramatical Brasileira

DNGB: Depois da Nomenclatura Gramatical Brasileira

TLB: Teorias Linguísticas de Base

NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira)

SVO (sujeito, verbo e objeto)

SOV (sujeito, objeto e verbo)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	10
CAPÍTULO I – UM ESTUDO SOBRE OS PRONOMES-----	13
1.1 Saraiva (2008): “A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inqueritos do projeto NURC: uma análise contrastiva”-----	15
1.2 Mota (2008): “A variação dos pronomes <i>tu</i> e <i>você</i> no Português oral de São João da Ponte (MG)”-----	17
1.3 Vanderlei (2014): “Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes <i>o(s)</i> , <i>a(s)</i> , <i>me</i> , <i>te</i> ”-----	18
1.4 Matos (2008): “Perspectivas gramatical e discursiva no uso do pronome <i>lhe</i> ”-----	21
CAPÍTULO II – A LINGUÍSTICA FUNCIONAL-----	24
2.1 Pressupostos do Funcionalismo-----	24
2.2 Transitividade oracional-----	28
2.3 Prototipicidade -----	32
2.4 Topicalização -----	34
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS-----	37
CAPÍTULO IV – ANÁLISES -----	41
4.1 Funções sintáticas desempenhadas pelo pronome <i>te</i> -----	41
4.2 Relação do pronome oblíquo átono <i>te</i> com estruturas verbais-----	43
4.2.1 Relação do pronome oblíquo átono <i>te</i> com verbos simples -----	44
4.2.2 Relação do pronome oblíquo átono <i>te</i> com locuções verbais -----	49
4.3 Colocação pronominal: uma questão de uso e não de regra-----	54
4.3.1 Ainda sobre posição na sentença -----	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	63
REFERÊNCIAS-----	68
ANEXOS-----	70
PARTE 1-----	70

## Introdução

A principal motivação para a realização deste estudo surgiu no projeto sobre linguística funcional, ligado ao grupo de pesquisa TLB – Teorias Linguísticas de Base. As investigações já realizadas neste projeto, Matos (2008) e Vanderlei (2014), sobre os usos dos pronomes átonos, respectivamente *lhe* e *me*, permitiram-me compor um olhar sobre o pronome oblíquo átono *te* (objeto de nosso estudo). Vislumbramos, assim, a partir de uma perspectiva clássica da linguística funcional, refletir sobre o comportamento regular deste pronome em situações de uso.

Partimos da premissa de que as pesquisas, normalmente, preocupam-se com a diversidade, nós, por outro lado, trabalhamos com a regularidade, pois na delimitação do que configuramos como regular, encontramos o que não o é. Deste modo, as concepções do funcionalismo clássico, representadas por Givón (1986), Hopper (1980) & Thompson (1980), nortearão os nossos estudos sobre o funcionamento da língua em uso. Este caminho de investigação tornar-se-á possível, uma vez que essa vertente linguística satisfaz os anseios que nosso estudo, centrado no uso, se propõe alcançar, algo que se tornaria infundado, caso tivéssemos uma concepção mais formal de análise da língua.

A nossa hipótese é de que, apesar da existência de uma categoria do pronome *te* (consolidada nos estudos gramaticais), acreditamos na possibilidade de haver outras análises no que se refere ao uso de tal pronome, se se considerar uma instância menos sintática, porém, mais discursiva. Objetivamos, então, encontrar o uso prototípico do pronome *te*, mas, também, consequentemente as manifestações não regulares deste pronome. Neste sentido, a construção do presente trabalho validará nosso intento em promover uma investigação que parte da ótica de uma abordagem funcionalista, visando apresentar o pronome *te*: em termos históricos; em termos de função sintática e função sintática prototípica; em relação aos verbos; numa estrutura verbal, sob uma concepção mais oracional, na qual o conjunto é que combina; como, também, observá-lo sob uma noção discursiva, verificando, inclusive, a ordenação dos constituintes: topicalização.

Neste sentido, nosso primeiro capítulo foi destinado ao desenvolvimento de um tipo de estado de arte – dito desta forma, pois temos consciência da enorme quantidade de trabalhos que versam sobre pronomes átonos. Assim, é uma proposta, um tipo de estado de arte – ao lado de alguns trabalhos já realizados no universo acadêmico sobre categoria pronominal. Mediante uma pesquisa bibliográfica, verificamos como esses

trabalhos admitiram as funções dos pronomes tanto em termos instaurados pela gramática normativa e histórica, como, também, observando e buscando nos usos as explicações para entender o funcionamento da língua, em específico, dos pronomes que foram estudados por tais obras.

Ainda no capítulo primeiro, elencamos quatro trabalhos acadêmicos (três dissertações e uma tese) que investigaram as categorias pronominais e poderiam, de alguma forma, contribuir para o presente estudo. Esta coleta ocorreu no site Domínio Público, Portal Brasil<sup>1</sup>, por meio da Biblioteca Digital que permite consulta de obras acadêmicas organizadas por área e assunto. A busca foi feita na área de linguística, teses e dissertações, assunto: pronomes átonos. Desta consulta foi possível encontrar os dois primeiros trabalhos elencados em nossa pesquisa: Saraiva (2008) e Mota (2008). Quanto aos outros dois trabalhos, os mesmos são textos de pesquisadores que fazem parte do mesmo grupo de pesquisa do qual sou membro<sup>2</sup>: Vanderlei (2014), Matos (2008).

Nestes trabalhos, procuramos observar como foi tratada cada categoria pronominal selecionada como recorte para a pesquisa; quais as generalidades sobre os pronomes estudados. Também procuramos apontar diferenças e interseções entre os estudos elencados.

Esta etapa foi proposta e realizada principalmente para demonstrar que são muitos os estudos sobre os pronomes átonos numa lógica da estrutura da língua e poucos se destinam a investigar as categorias pronominais sob a vertente funcionalista; afirmar que novos encaminhamentos podem ser dados a uma determinada categoria pronominal a partir da observação do uso da língua; revelar que o estudo sobre o uso do pronome *te*, numa outra abordagem, pode contribuir para um ensino diferenciado no contexto escolar; confirmar que apesar do pronome *te* apresentar função sintática de complemento verbal são necessários estudos que investiguem e proponham outras possibilidades a respeito do comportamento dos pronomes, mais especificamente o pronome *te*.

No segundo capítulo, relacionado à construção da fundamentação teórica, apresentamos os pressupostos do funcionalismo clássico, representados por Givón (1986), Hooper (1980) e Thompson (1980). Deste modo, como forma de auxílio a nossa busca em encontrar o uso prototípico do pronome *te*, nos apoiamos em três conceitos da Linguística Funcional que auxiliaram em nossa investigação, a saber: transitividade oracional, prototipicidade e topicalização. Nesta fase do trabalho, foi possível esclarecer

---

<sup>1</sup> Acesso em 03 de 2015: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

<sup>2</sup> TLB – Teorias Linguísticas de Base.

os caminhos que validaram os conceitos utilizados como suporte (prototipicidade e topicalização) e como reflexão (transitividade oracional), para atestarmos nossa ideia central. Vale mencionar que, a partir do estudo da transitividade oracional, pretendemos ultrapassar a noção formal de transitividade direcionada ao verbo e ampliar a compreensão de toda a oração, uma vez que essa noção considera não só o verbo, como também, os participantes, eventos e todos os elementos que dela fazem parte.

No terceiro capítulo foram descritos os procedimentos metodológicos, as etapas que foram executadas para investigarmos o uso do pronome *te* sob a ótica da linguística funcional clássica. Apresentamos o *corpus* a ser estudado; apontamos as etapas para coleta e seleção dos dados e a maneira como estes foram dispostos como exemplos no corpo do trabalho; a quantidade de ocorrências e o porquê do descarte de algumas. Esclarecemos, também, como foram realizadas as análises e a disposição de gráficos para ilustrar os dados alcançados.

Por fim, o quarto capítulo, constituído das análises, traz os resultados verificados do uso prototípico do pronome *te* no *corpus* selecionado. Desta forma, conseguimos, a partir da observação do comportamento dos usos do pronome oblíquo átono *te*, indicar: as funções sintáticas desempenhadas por este pronome e sua função sintática prototípica; a relação deste pronome com estruturas do tipo verbais (verbos simples e locuções); a relação do pronome no que se refere à colocação pronominal; como também, sua posição na sentença, de complemento verbal a caminho da figura de tópico.

Portanto, acreditamos que este trabalho, organizado em quatro capítulos, possibilite verificar, a partir da égide da linguística funcional centrada no uso, como o pronome oblíquo átono *te* se comporta no *corpus* selecionado. Neste caminho, vislumbramos que seja possível constatar o uso prototípico deste pronome átono e as outras possibilidades não prototípicas, ao passo que consideramos uma instância menos sintática e mais discursiva.

## CAPÍTULO I – UM ESTUDO SOBRE OS PRONOMES

A proposta deste capítulo consiste em apresentar alguns estudos sobre os pronomes produzidos no início do século XXI. Considerando que esses trabalhos – Saraiva (2008), Mota (2008), Matos (2008), Vanderlei (2014) – de alguma forma trazem à tona as propostas e os estudos de gramáticos e linguistas do século XX, optamos, neste capítulo, por refletir sobre três obras publicadas no mesmo ano (2008) e uma obra recente publicada em 2014. Tal escolha fez-se com o objetivo de trabalharmos em um recorte teórico mais tangível e, por assim dizer, mais contemporâneo.

A seguir, sucintamente, são apresentadas as obras e os pesquisadores selecionados para a confecção deste capítulo:

Saraiva (2008), da Universidade de Minas Gerais, em sua dissertação intitulada “A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inquéritos do projeto NURC: uma análise contrastiva”, desenvolve um estudo comparativo sobre a colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inquéritos do projeto NURC, com o intuito de observar a incidência desse aspecto da língua falada na língua escrita.

Mota (2008), também da Universidade de Minas Gerais, dissertou sobre “A variação dos pronomes *tu* e *você* no Português oral de São João da Ponte (MG)”. Seu trabalho apresenta a classificação do pronome oblíquo átono *te* como objeto de verbo, ao relacionar a forma pronominal a sua função sintática. Nesse sentido, o primeiro ponto a ser considerado, advindo da observação no seu trabalho, está conectado à constatação que temos sobre a prototipicidade do uso do pronome oblíquo átono em ser complemento do verbo.

Em Matos (2008), “Perspectivas gramatical e discursiva no uso do pronome *lhe*”, as funções sintáticas do pronome *lhe* são analisadas tendo por base uma abordagem funcionalista. Nesse sentido, protótipo, marcação e transitividade oracional são alguns dos princípios do funcionalismo que possibilitaram a abordagem deste estudo.

A obra “Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te*”, de Vanderlei (2014), investiga os pronomes oblíquos átonos *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te*, observando-os através de uma abordagem discursiva, na qual os conceitos de prototipicidade e transitividade oracional, oriundos da Linguística Funcional, são destacados.

Estas obras foram nomeadas para compor o estado de arte deste trabalho, pois dialogam com nosso objeto de estudo ao investigar os comportamentos dos pronomes, considerando, como parâmetro norteador para suas análises, a língua em uso. Dessa forma, observamos que são congruentes em termos de relevância acadêmica, uma vez que, de alguma forma, filiam-se às bases teóricas da linguística centrada no uso, promovendo, assim, uma relação direta com a nossa proposta.

A intenção é aproveitarmos as contribuições propostas por tais pesquisadores, visando, a partir deles, propor outros encaminhamentos ou, até mesmo, reforçar os já apresentados. Neste sentido, vale ressaltar que ainda que estejamos preocupados na discriminação do pronome em sentido *lato* (apresentando os quatro trabalhos), nossa perspectiva busca entender quais considerações tem sido feitas sobre o pronome *te* (sentido *strictu*).

Nesta direção, vale um esclarecimento, pois, em nossa pesquisa, não apresentaremos um capítulo exclusivo sobre a gramática no que se refere às possibilidades prescritivas do uso do pronome *te*, mais especificamente às funções sintáticas. Afinal, praticamente todos os trabalhos estudados, elencados para a delimitação de um tipo de estado da arte, já trazem capítulos (ao menos um, em cada trabalho) que versam sobre o histórico e a perspectiva normativa das gramáticas. Inclusive considerando os mais expoentes autores, renomadamente, indicados para os estudos gramaticais, sob uma ótica mais normativa. Assim, pareceu-nos redundante apresentar um capítulo sobre o que há dito a respeito dos pronomes átonos, inclusive sobre o pronome *te*, se as obras elencadas para o nosso estudo já o fazem muito bem.

Faz-se necessário ressaltar que, de um modo geral, os autores utilizam os termos Gramática Tradicional e Gramática Normativa, admitindo-os como termos sinônimos. Nesse sentido, ainda que saibamos que tais expressões trazem sobre si alguns pontos que de alguma maneira as distanciam, optamos, em nosso trabalho, também, por considerá-las expressões sinonímicas.

Toda reflexão que será feita nas seções seguintes deste capítulo, de alguma maneira, já estará direcionando e apresentando as conclusões a que chegam os autores estudados, considerando a influência que cada trabalho recebe a partir dos gramáticos e historicistas da língua, que são consultados em cada obra.

### 1.1 Saraiva (2008): “A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inquéritos do projeto NURC: uma análise contrastiva”

Saraiva (2008) afirma, inicialmente, que os pronomes pessoais, do caso oblíquo átono, pela Gramática Tradicional, são considerados como objetos ou complementos. No conjunto dos pronomes pessoais, esses pronomes assumirão classificações diferentes de acordo com o verbo que os acompanham. Assim, destaca os pronomes *o, a, os, as* como objeto direto; o pronome *lhe* ou *lhes* considerados como objetos indiretos; e os pronomes *me, te, nos e vos* como objeto direto ou indireto.

Para as análises da colocação dos pronomes oblíquos átonos, a autora realiza um apanhado histórico, no qual descreve a possibilidade de traços de regularidade há cerca de oito séculos, no português arcaico. Destaca-se, também, o fato destas análises se tornarem compêndios gramaticais que continham posições sistemáticas e suas variantes, não só para a colocação pronominal como também para outros itens.

Saraiva (2008) busca apresentar um traço caracterizador nos textos produzidos do século XIII até o século XV e anteriores a uma normatização. Interessante mencionar que a produção da escrita e a cópia dos textos manuscritos eram regidas por algumas diretrizes, o que caracterizava uma diversidade ortográfica e gramatical. Nesse sentido, quando se trata de português arcaico, diz-se respeito a uma depreensão, a partir da documentação existente das regras que regiam esse material documentado, no qual não havia, nesta fase histórica, normas ortográficas gerais e obrigatórias.

Neste *corpus* analisado e referindo-se aos pronomes pessoais, estabeleceu-se, em meio às diversas formas de sínclise<sup>3</sup>, elencar os contextos de suas respectivas regras, comprovando a regularidade do uso desses pronomes já no português arcaico.

Vale ressaltar que este esforço em busca da identificação das regularidades vai em direção de movimentos mais preocupados com as questões formais, no entanto, muito importantes para que se possa, a partir destas regularidades, compreendê-las e perceber as outras possibilidades não tão regulares, mas que também desempenham algum papel na estrutura textual.

A história da colocação pronominal no Brasil é apontada como divergente em relação à de Portugal, uma vez que houve o fortalecimento das vogais não acentuadas, convertendo os átonos em “partículas semitônicas” e não realmente átonas, fazendo os

---

<sup>3</sup> Três posições nas quais os átonos se distribuem no que concerne às mudanças fônicas.

pronomes antecederem ao verbo. Conforme Saraiva (2008), algumas tendências de colocação, realmente, foram encontradas nos *corpora* antigos, mas devido à inexistência de uma organização e estruturação isso merece ser melhor observado.

Outro ponto ressaltado quanto ao português arcaico é que não existia, no período, nenhuma prescrição, o que possibilitou ao autor a formulação de suas próprias regras baseando-se nos escritos portugueses, vislumbrando regularizar a sínclise pronominal no Brasil. Desta forma, o *corpus* foi formado a partir da observação de obras de reconhecidos escritores brasileiros da época e de outros mais antigos, entre os séculos XV e XVIII.

Interessante mencionar que apesar da época, já existia uma preocupação em relação aos usos. Havia uma disparidade em relação ao que estava previsto nos compêndios gramaticais da época e o que havia nos textos dos escritores. Assim, as regularidades e irregularidades da colocação pronominal passaram a ser observadas, pois se precisava distinguir em meio a tantas terminologias expostas nas gramáticas tradicionais (não só em relação aos pronomes como também aos diversos fatos da língua) a regularidade do uso da colocação pronominal, uma vez que dificultava o entendimento formalizar o que é frequente e efetivo na língua.

O processo de formalização das regras da sínclise pronominal foi embasado pelo uso da língua de Portugal, apesar de haver um movimento tendencioso pelos escritores brasileiros. Observamos nessa passagem, mais um fato que reitera a noção de que o uso antecede a existência da regra.

No entanto, a colocação pronominal no Brasil difere da do português de Portugal, pois enquanto neste último os pronomes são em sua essência átonos, devido ao relaxamento e ensurdecimento de sua vogal, no Brasil, apesar de serem conhecidos como átonos estes são semitônicos.

A partir de seu estudo histórico, Saraiva (2008) constata a existência de três formas para a colocação pronominal: proclítica, enclítica e mesoclítica. No entanto, a autora observa divergências quanto à posição mais usual: proclítica ou enclítica, uma vez que os fatores de atração e eufonia são justificativas para a frequência de ambos os usos. Assim, tais impasses geraram diversas contradições, possibilitando a liberdade para diferentes interpretações sobre o caso.

Convém ressaltar que esta liberdade de interpretação permite não apenas investidas de base fonológica e sintática, mas também, de outra ordem em que a questão estrutural estaria em plano diferente. Afinal, organizações primadas em caracterizações que dizem respeito ao tempo (antigos ou modernos) ou mesmo ao registro (se culto ou corrente:

popular, vulgar), estão mais próximas de uma preocupação voltada para o uso e o seu funcionamento, do que apenas para uma questão de posição (colocação pronominal).

Em suma, Saraiva (2008) relata a complexidade do assunto (em meio às incompatibilidades e discordâncias) quanto à concordância sobre um posicionamento preciso referente à escrita e à fala cultas de todo o país em termos de colocação. Para tanto, desenvolveu-se tal estudo, concluindo que a posição proclítica é a mais recorrente quanto à colocação pronominal tanto na escrita quanto na fala, já a posição enclítica ocupa poucos usos na escrita e acentuado apagamento na fala e, por fim, a mesóclise não é utilizada.

### **1.2 Mota (2008): *A variação dos pronomes 'tu' e 'você' no Português oral de São João da Ponte (MG)***

Mota (2008) faz um levantamento das Gramáticas Tradicionais de 1985 a 2005 para observar o uso do pronome da 2ª pessoa do singular, constatando a limitação de informações destinadas aos usos deste pronome.

Estas Gramáticas Tradicionais restringem-se a esclarecer sucintamente a distinção das formas pronominais de 2ª pessoa. Poucos são os esclarecimentos sobre esta forma pronominal, há apenas explicações direcionadas aos pronomes de tratamento (você, senhor, senhora).

Já em relação ao pronome *tu* propriamente, seu uso ocorre como algo pontual, pertencente a algumas localidades do nosso país, como o extremo Sul e locais isolados da região Norte. Tal esclarecimento, considerado simplista por Mota (2008), não abrange efetivamente os usos desse pronome no território brasileiro, necessitando de outras análises através das quais o uso do pronome *tu* fica evidenciado em diferentes localidades do Brasil, além das citadas nas gramáticas em questão.

Mota (2008) enfatiza a relevância de considerar os estudos dos usos das diferentes formas pronominais, pois estes podem caracterizar outros fenômenos linguísticos, traços culturais de uma comunidade de fala, como também, levar-nos a entender as ligações entre as mudanças nas relações sociais e as modificações na língua. Tal consideração reforça nosso comprometimento em desenvolver um estudo que enxerga a regularidade dos usos do pronome *te* e a partir desta delimitação do que configuramos como mais frequente, encontrarmos o que não é.

Outro levantamento feito por Mota (2008) sobre o pronome *tu*, no português brasileiro, trata-se das concepções dos gramáticos e linguistas de 1993 a 2002. Estes entendem que o pronome *tu* foi substituído pelo uso do pronome *você*, implicando na redução das desinências verbais para *eu*, *você/ele*, *nós (a gente)*, *vocês/eles*.

Já em relação ao pronome átono *te*, a autora menciona, pontualmente, as modificações das formas pronominais, em específico as de 2ª pessoa, considerando as motivações internas ou externas. Discute-se a não uniformidade do pronome de 2ª pessoa como sujeito em relação ao seu uso em função de objeto, principalmente, ao associarmos o pronome átono *te* a forma de tratamento *você*. Assim, evidenciou-se que a forma pronominal de tratamento *você* possibilita a não uniformidade do uso do pronome em função de objeto.

Diante do exposto, Mota (2008) pôde concluir que seu trabalho sobre o porquê da existência da alternância do uso *tu/você* em algumas regiões do Brasil, valida a noção do *tu* como marca pertencente, predominantemente, a jovens entre 15 e 25 anos, como também, sendo um fenômeno pontual da zona rural. Constatou-se que essa variação de uso pode ser atribuída a fatores sociais, alternância entre estilos formal e informal e grau de relação entre os interlocutores, estando presente nas regiões Norte, Sul e Nordeste e, especificamente, no norte de Minas Gerais, na região Sudeste.

Portanto, assim como Mota (2008), acreditamos que é necessário considerar os usos se buscamos de fato uma melhor descrição de uma determinada estrutura da língua, em nosso caso, o pronome átono *te*.

### **1.3 Vanderlei (2014): *Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te***

A autora apresenta um estado de arte de gramáticas tradicionais, apontando as classificações dos pronomes em estudo - *o(s), a(s), me, te* - e suas funções sintáticas. Para tanto, perpassou uma análise desde a gramática latina até os tempos atuais, apontando a uniformização da NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira de 1959) como período que separa o que antecede (ANGB) e sucede (DNGB).

Fundamentando-se na Linguística Funcional, destaca-se, no trabalho de Vanderlei (2014), o fato de que a análise sintática formal não oportuniza um estudo que garanta uma ampla noção das funções sintáticas das categorias gramaticais em estudo, uma vez que o

percurso de análise mais formal da língua realiza-se de maneira isolada, sem considerar a situação comunicativa por completo, o uso propriamente.

De maneira sucinta, a autora apresenta as funções dos pronomes oblíquos átonos, em estudo, segundo os gramáticos elencados em sua pesquisa, observando que tais pronomes desempenham o papel de objeto direto e/ou indireto. A partir disto, levanta-se um questionamento a ser respondido através do seu estudo, que trata da viabilidade dessas funções serem consideradas prototípicas desses pronomes. Para tanto, indica-se a Linguística Funcional como pressuposto norteador para embasar sua investigação, partindo da premissa de que o Funcionalismo, entre outras características, possibilita a análise do uso das formas linguísticas em contextos sociais.

Prototipicidade, transitividade e relevância discursiva foram os temas trabalhados numa abordagem funcionalista para mediar as análises dos pronomes investigados.

O *corpus* da pesquisa de Vanderlei (2014) foi extraído de contos narrador por Luzia Teresa que fazem parte do acervo<sup>4</sup> do NUPPO (Núcleo de Documentação Popular). Nestes, Vanderlei (2014) observou a frequência com que uma determinada função sintática é exercida pelos pronomes estudados, caracterizando assim o protótipo desta categoria.

Considerando o estudo feito em seu primeiro capítulo, no qual Vanderlei (2014) analisou diferentes gramáticas de diversos autores, constatou-se que os pronomes átonos desempenham a função de complemento dos verbos. No entanto, para confirmar esta função pronominal admitida como prototípica, a autora observou a função sintática dos pronomes investigados dentro das orações selecionadas de seu *corpus*. Nesse sentido, valeu-se de outros dois princípios que ampliaram sua análise funcional, a saber: transitividade oracional e a função textual (relevância discursiva).

A pesquisadora enfatiza o comprometimento de um estudo da transitividade que considera apenas uma análise categorial, o qual se limita a conceituar os verbos em transitivos ou não transitivos, descartando outros fatores que são observados quando se considera todo o contexto comunicativo em uso. Nesse sentido, aponta-se a transitividade

---

<sup>4</sup> O NUPPO é um órgão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, tem sua sede no térreo da Reitoria, Campus I, da Universidade Federal da Paraíba na cidade de João Pessoa, e é coordenado pela professora Beliza Aurea. Os livros de contos populares narrados por Luzia Tereza dos Santos são compostos por três Volumes: 1995, 2001, 2007 que resultam em 236 histórias narradas. Luiza Tereza apresenta uma marca de contos narrados, até então não superada. Os textos foram narrados entre 1977 e 1983. (VANDERLEI, 2014, p. 36).

oracional, vista como capaz de possibilitar uma análise mais ampla do que está expresso na oração.

Em relação ao corpus de Vanderlei (2014), destaca-se o fato de que, na narrativa, as orações transitivas tendem à noção de figura, pois apresentam relevância discursiva mais para figura do que para fundo. Vanderlei (2014) selecionou todas as orações que possuíam os pronomes átonos em estudo *o(s)*, *a(s)*, *me*, *te*, as quais foram registradas em arquivo computacional. Tais registros foram analisados, observando suas funções sintáticas e a noção de prototipicidade, para serem comparados, posteriormente, com o intuito de situá-los quanto ao grau de transitividade.

A autora selecionou, como recorte para suas análises, os trechos que continham o pronome *me*, pois diante do fator prototipicidade de frequência, este pronome foi o mais presente quanto aos usos em relação aos demais *o(s)*, *a(s)*, *te*. Pode-se dizer que foi a partir desta constatação que fomos estimulados a estudar o pronome *te*, tendo em vista que embora os seus usos sejam quantitativamente inferiores aos usos do pronome *me*, não se pode descartar a sua recorrência nas mais variadas situações textuais.

Vanderlei (2014) realizou vinte análises (dez exemplos com o uso do pronome *me* em função de objeto direto e dez exemplos com o uso do pronome *me*, funcionando como objeto indireto), considerando os dez parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980) e que foram trabalhados por Cunha, Costa & Cezário (2003)<sup>5</sup>. A partir destes dez critérios e considerando a “tabela gradiente de transitividade” (MATOS, 2008, p. 76), a autora, inicialmente, observou que o pronome *me* funcionava, em metade dos exemplos, exercendo a função de objeto indireto e na outra metade, assumindo a função de objeto direto.

Tal separação em grupos que possuíssem funções sintáticas semelhantes possibilitou estabelecer uma noção mais centrada quanto à categoria pronominal com esta respectiva função a partir da tabela gradiente de transitividade. Sustentou-se, também, a ideia funcionalista de que há a necessidade de que “mecanismos com mesma função sintática devem ser reunidos e analisados sob o mesmo prisma” (VANDERLEI, 2014, p.47).

---

<sup>5</sup> Os dez critérios (participantes, cineses, aspecto do verbo, punctualidade do verbo, intencionalidade do sujeito, polaridade da oração, modalidade da oração, agentividade da sujeito, afetamento do objeto, individuação do objeto) elencados na tabela desenvolvida por Costa & Cezario (2003, p.37.) auxiliam o pesquisador a construir uma noção que contempla todos os envolvidos no contexto discursivo, assim, estabelece-se uma gradiência para mais transitivo ou menos transitivo nas considerações propostas para a compreensão do texto em sua amplitude (participantes, eventos e verbos).

As análises, a partir da tabela gradiente de transitividade do pronome *me* enquanto função de objeto direto e enquanto função de objeto indireto, demonstraram que o respectivo pronome tem maior compatibilidade com a noção de figura do que com a noção de fundo nos contextos linguísticos de uso em que aparece, pois observou-se um grau de média a alta transitividade na maioria dos critérios da tabela. Portanto, sustentando a noção linguística de que textos presentes em gêneros de narrativa tendem a possuir ambientes de alta transitividade.

Dessa forma, foi possível estabelecer a análise do pronome *me* (seja na função de objeto direto ou na função de objeto indireto) e compreender que este possui transitividade oracional de média a alta; quanto à relevância discursiva, teceu-se a ideia de que nas narrativas o pronome *me* tende a ter um maior grau de transitividade, aproximando-se de uma referência mais para figura do que para fundo, logo fazendo parte da informação mais relevante do texto.

Por fim, a autora concluiu afirmando que o pronome *me* em função de objeto direto é mais prototípico em termos de frequência do que em função de objeto indireto. Logo, observou-se que tal uso é pertinente ao uso mais regular na língua. A partir do exposto acerca do trabalho de Vanderlei (2014), pretendemos, na mesma direção, identificar os usos do pronome *te*, observado as ocorrências mais prototípicas e menos prototípicas.

#### **1.4 Matos (2008): *Perspectivas gramatical e discursiva no uso do pronome "lhe"***

Diferente dos outros três trabalhos, ainda que tratando sobre os pronomes átonos, este autor investiga, exclusivamente, o pronome *lhe*. Ele analisa as funções sintáticas do pronome *lhe*, tendo por base uma abordagem funcionalista. Nesse sentido, protótipo, marcação e transitividade oracional são alguns dos princípios do funcionalismo que possibilitaram a abordagem deste estudo.

Matos (2008) faz um percurso historiográfico dos usos do pronome *lhe*, regressando inclusive à observação da língua latina e aos usos do final do século XVIII e final do século XIX, buscando identificar a trajetória do uso do deste pronome.

Em seu trabalho, inicialmente, o autor aponta a noção de protótipo, destacando-se a frequência como um tipo de parâmetro para apontar uma estrutura prototípica. No caso em estudo, a função sintática do pronome *lhe* que ocorre com maior frequência é a de objeto indireto.

O princípio da marcação foi outra noção considerada para analisar as outras funções sintáticas desempenhadas pelo pronome *lhe* com grau de ocorrência bem menos expressivo, se considerado o *lhe* prototípico. Desta forma, o autor observou mediante associações dessas funções e os critérios de marcação (complexidade estrutural, distribuição de frequência, complexidade cognitiva), que algumas são não-marcadas ou mais prototípicas, tratando-se da ocorrência do *lhe* no texto escrito.

Outro princípio tomado como aporte foi a transitividade oracional, permitindo ao autor ir além do processo de classificação gramatical da função sintática do verbo que considera apenas o conceito transitivo ou não transitivo, passando a observar a oração em seu conjunto (participantes, eventos e verbos), numa escalaridade de mais transitivo ou menos transitivo.

Fundamentado em Hopper e Thompson (1980), que estabeleceram 10 critérios que possibilitaram verificar a participação de uma determinada categoria (nesse caso o pronome *lhe*), Matos (2008) determinou em que tipo de ambiente se desenvolveram as ocorrências de seu *corpus*<sup>6</sup>, se em ambiente de baixa ou alta transitividade. Ressalte-se que este tratamento também foi dado por Vanderlei (2014): considerar a escalaridade menos transitivo ou mais transitivo, verificando a participação do pronome *me* e suas funções sintáticas.

Esse caminho permitiu ao autor verificar os planos do discurso (figura ou fundo) mediante o grau de transitividade oracional do pronome *lhe* nos textos em que se faz presente e, desta forma, representar cada função do pronome em termos mais centrais (figura) ou mais periféricos (fundo).

Por fim, a análise do *corpus* levantado, fundamentado pela proposta da gramática normativa, previu a existência das seguintes categorias para o pronome *lhe*: objeto indireto, objeto direto, complemento nominal e adjunto adnominal. Nesse sentido, Matos (2008) argumenta que o pronome *lhe*, de acordo com a função sintática que desempenha em uma situação textual, pode representar um ambiente mais ou menos transitivo.

---

<sup>6</sup> Os corpora da pesquisa de Matos (2014) foram extraídos de livros didáticos nos quais foram observados a abordagem da transitividade verbal e os termos que a sustentam, como também, as noções sobre as funções sintáticas do pronome *lhe*. Foram utilizados, também, os *corpora* presentes no CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público) e CETEM Nilc S. Carlos, como também, o corpus do Grupo D&G (Discurso e Gramática – A língua falada e escrita). A intenção foi selecionar, a partir desses bancos de dados, diversas orações de narrativas, as quais demonstrassem as diferentes funções sintáticas do pronome *lhe* e a relacionasse com os dez critérios estabelecidos por Hopper e Thompson (1980) referentes ao grau de transitividade oracional.

Matos (2008) constata que o pronome *lhe* na função de objeto indireto configura uma variação de média a muito alta transitividade, sendo, portanto, pertencente a um contexto de uso escrito da língua para o plano de figura. Por outro lado, o pronome *lhe* enquanto adjunto adnominal tem variação de média a baixa transitividade nos textos em que se faz presente, sendo representativo mais para o plano de fundo do que o de figura e o pronome *lhe* como complemento nominal é predominantemente pertencente a ambientes de baixa transitividade, logo, pertencente ao plano de fundo.

Diante do exposto, enxergamos que as pesquisas, ora mencionadas, aclaram, de alguma forma, os caminhos que propomos percorrer com o estudo sobre o pronome oblíquo átono *te*. Apesar de alguns destes trabalhos não se orientarem, especificamente, através de uma vertente funcional da linguística, todos eles lidam com os usos linguísticos, seja oral e/ou escrito, demonstrando, assim, o comprometimento com uma investigação mais próxima da produção linguística natural dos falantes. Portanto, para além das propostas dos autores, buscamos identificar as nuances funcionais do pronome átono *te*, sendo que de maneira mais conexa às situações de oralidade transcrita.

## CAPÍTULO II – A LINGUÍSTICA FUNCIONAL

As reflexões apresentadas no presente capítulo foram geradas a partir das leituras realizadas sobre a bibliografia voltada para os estudos da linguística funcional mais especificamente sobre a abordagem chamada clássica (propostas de vanguarda surgidas a partir da década de 70 e 80). Assim, as sessões a seguir são resultados destas leituras e, de alguma maneira, em favor da proposta, do objeto, e dos objetivos deste trabalho.

### 2.1 Pressupostos do Funcionalismo

A teoria funcionalista tem uma história tão longa quanto a do paradigma formal, refutando a noção equivocada sobre o funcionalismo ter surgido em oposição aos princípios do gerativismo e, divergente disso, atestando que em meio ao Círculo Linguístico de Praga (CLP), notadamente estruturalista, já existiam linguistas que acomodavam suas concepções, em torno da importância do uso da língua para a compreensão da linguagem humana.

Vale ressaltar, no entanto, que na atualidade dificilmente se fará uma associação dos estudos saussurianos às propostas da linguística funcional, principalmente, se considerarmos o conceito de arbitrariedade, que é básico na epistemologia saussuriana, porém, pouco provável numa lógica hodierna da linguística centrada no uso.

A oposição epistemológica se dá entre o posicionamento funcionalista e o posicionamento formalista, pois, no funcionalismo, a estrutura da gramática passa a ser explicada como resultado de funções de outras esferas, em especial os níveis cognitivos e comunicativos.

As concepções do funcionalismo foram sendo reformuladas e originando grupos de vertentes menos extremadas. Representantes desta vertente Hopper (1980), Thompson (1980) e Givón (1986) preconizavam investigações em direção ao uso da língua, sendo este uso o ponto de partida para se explicar as motivações que dão forma à língua. Idealizando, portanto, um grupo de funcionalistas com posição mais moderada, uma vez que não descartam a existência da forma em suas investigações.

O termo funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 70, passando a servir de rótulo para o trabalho de linguistas como Paul Hopper,

Sandra Thompson e Talmy Givón, que passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. Ou seja, a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Desta maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é neste espaço que a gramática é constituída. (MARTELOTTA & AREAS, 2003, p. 18)

A língua é dinâmica e flexível às influências do processo comunicativo dos falantes, sendo as regularidades desse processo que darão forma à língua. O funcionalista busca compreender as regularidades no uso linguístico a partir dos contextos comunicativos e através destes é que são construídas as generalizações, assim, não será algum critério do sistema que explicará as construções linguísticas, mas os aspectos comunicativos que permitirão entender as influências que levam o falante a fazer uso de determinada construção linguística.

De acordo com Votre (2012, p.18):

quanto ao método de trabalho, em nossa abordagem vamos normalmente do particular ao geral, porque o próprio critério que permite a descoberta do que ocorre e recorre, de forma regular, e que nos permite construir a generalização, é o papel comunicativo, e não algum critério formal.

Macedo (1998) elenca alguns posicionamentos seguidos por determinadas vertentes linguísticas, a saber: Formalismo extremado – desconsidera-se as ideias funcionalistas; Formalismo moderado – as análises funcionais devem relacionar-se entre o sistema formal e o uso; Funcionalismo formalista – a linguagem é constituída de gramática e retórica; Funcionalismo moderado – o sistema formal é considerado mediante bases funcionais; Funcionalismo extremado – sendo a linguagem um sistema de interação social, desconsidera-se o sistema formal.

Nossas reflexões foram construídas a partir de estudos guiados por uma abordagem clássica da linguística funcional, dessa forma, é plausível considerar nossas intenções em adotar o funcionalismo moderado como pressuposto para a compreensão e análise da língua em uso. Nesse sentido, o desenvolvimento desta investigação pautou-se, tendo-o como pressuposto linguístico, no funcionalismo moderado, uma vez que observamos a linguagem como instrumento de comunicação e interação social e não admitindo a separação entre sistema e uso.

Mediante o exposto, observamos que a nossa proposta se acomoda nas concepções funcionalistas, elegendo o funcionalismo moderado para validar nossa busca por explicações para entender o comportamento dos usos do pronome oblíquo átono *te* em textos orais transcritos, produzidos em contextos naturais.

A título de exemplificação de uma postura especificamente funcionalista, mencionamos a obra de Castilho (2014), “Nova Gramática do Português Brasileiro”, que descreve a língua falada pelos brasileiros. Trata-se de uma obra de cunho funcional, que abrange os usos do português brasileiro. Essa obra parte dos usos da língua pelos falantes, dos discursos construídos nos mais variados contextos e a partir deles gera as explicações para as construções linguísticas executadas.

A seguir, apresentamos dois quadros da obra de Castilho (2014, p. 477 e 482), nos quais observamos o registro de estruturas linguísticas advindas dos usos da língua pelos falantes do português brasileiro. No Quadro I, apresentamos os pronomes pessoais no Português Brasileiro (PB) na atualidade.

#### Quadro I: Os pronomes pessoais no Português Brasileiro

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg	<i>Eu</i>	<i>Me, mim, comigo</i>	<i>Eu, a gente</i>	<i>Eu, me, mim, Prep + eu, mim</i>
2ª pessoa sg	<i>Tu, você, o senhor, a senhora</i>	<i>Te, ti, contigo, (Prep +) o senhor, com a senhora</i>	<i>Você /ocê/ tu</i>	<i>Você/ocê/cê, te, ti, Prep + você/ocê (= docê, cocê)</i>
3ª. pessoa sg	<i>Ele, ela</i>	<i>O / a, lhe, se, si, consigo</i>	<i>Ele / ei, ela</i>	<i>Ele / ela, lhe, Prep + ele / ela</i>
1ª pessoa pl	<i>Nós</i>	<i>Nos, conosco</i>	<i>a gente</i>	<i>A gente, Prep + a gente</i>
2ª. pessoa pl	<i>Vós, os senhores, as senhoras</i>	<i>(vos, convosco) (Prep +) os senhores, as senhoras</i>	<i>vocês / ocês / cês</i>	<i>vocês/ocês/cês, Prep + vocês/ocês</i>
3ª. pessoa pl	<i>Eles, elas</i>	<i>Os / as, lhes, se, si, consigo</i>	<i>eles / eis, elas</i>	<i>Eles / eis, elas, Prep + eles / eis, elas</i>

Fonte: Ataliba T. de Castilho – *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014, pág. 477.

No tocante ao tratamento que estamos dando ao pronome átono *te*, percebemos que, a partir das prescrições presentes em algumas gramáticas tradicionais da língua

portuguesa (conforme explicitado no Capítulo I), este pronome tem função de objeto e desempenha o papel de complemento. Todavia, vislumbramos, também, as possibilidades que se encontram à margem da normatização e que, neste trabalho, são passíveis de verificação e análise, pois se configuram como registros observáveis quando se considera os usos da língua pelos falantes do PB (Português Brasileiro), como demonstrado no Quadro I.

Apresentamos abaixo o Quadro II, presente na obra de Castilho (2014, p. 488), que exemplifica o exposto no parágrafo anterior. Na terceira coluna, referente à “Segunda pessoa”, percebe-se o registro de uso do pronome *te* não previsto pela gramática normativa. Este pronome continua exercendo o papel de complemento, embora assumia feições de um morfema prefixal.

**Quadro II:** Transformação dos pronomes pessoais do caso reto em morfemas verbais número-pessoais no PB informal

Pessoas	Prefixos em função de sujeito no PB não-padrão	Prefixos em função de complemento no PB não-padrão	Sufixos em função de sujeito no PB padrão
Primeira pessoa	{e-}: <i>Eu vou</i> > <i>Evô</i> {noi-}: <i>Nós vamos</i> > <i>noivamo</i>	<i>Me encontrou</i> > <i>Mincontrô</i>	{-o}: <i>falo</i> {-mos}: <i>falamos</i>
Segunda pessoa	{ce-}: <i>Você vai</i> > <i>Cevai</i> {ceis-}: <i>Vocês vão</i> > <i>ceisvão</i>	<i>Te encontrou</i> > <i>Tincontrô</i>	{-s}: <i>falas</i> {-ys}: <i>falais</i>
Terceira pessoa	{ey-}: <i>Ele vai</i> > <i>Eivai</i> {eys-}: <i>Eles vão</i> > <i>eisvão</i>	<i>Se encontrou</i> > <i>Sincontrô</i>	{-Ø}: <i>fala</i> {-ãw/-ëy}: <i>falam/falem</i>

Fonte: Ataliba T. de Castilho – *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014, pág. 482.

A partir das propostas de Castilho (2014) seria possível aproximar os estudos de Vanderlei (2014) e Matos (2008), pois todos buscam justificar por meio dos usos o que ocorre na língua, mormente, valendo-se da oralidade ou de *corpora* de oralidade transcrita.

Vimos, nesta seção, algumas considerações sobre o funcionalismo e nossa opção em desenvolver um estudo que parte de um posicionamento mais moderado desta tendência linguística. Nas seções seguintes, apresentamos três princípios da Linguística

Funcional que colaboram para o processo da pesquisa, a saber: transitividade oracional (enquanto proposta de reflexão) e prototipicidade e topicalização (enquanto eixos norteadores).

## 2.2 Transitividade oracional

Consideramos, nos tópicos introdutórios, a necessidade de realização do presente trabalho sobre o uso da categoria pronominal átona *te* como fator contributivo para o ensino de língua portuguesa. Assim, evidenciamos o nosso interesse em propor um estudo que parte de uma perspectiva mais funcional e menos formal. Nesse sentido, compreendemos que a transitividade oracional pode favorecer um estudo mais comprometido com a dinâmica comunicativa.

Antes de tratarmos da transitividade oracional, concebemos interessante citar o trecho a seguir que indica como a transitividade é abordada pela Gramática Tradicional:

Para a gramática tradicional, transitividade refere-se à transferência de uma atividade de um agente para um paciente. É, portanto, uma propriedade dos verbos, classificados como transitivos, quando acompanhados de objeto direto ou indireto, ou intransitivos, quando não há complemento (CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2003, p.37).

Tornou-nos conveniente mencionar, também, Matos (2011) que realizou um estudo de revisão teórica relacionado à transitividade verbal e nominal. Nesse são apresentadas reflexões sobre a transitividade encontrada em obras que se relacionam a uma abordagem mais categorial/formal, sendo separadas em dois períodos: ANGB - Antes da Nomenclatura Gramatical Brasileira e DNGB – Depois da Nomenclatura Gramatical Brasileira.

O primeiro período caracterizou-se por desacordo nas opiniões quanto aos complementos que operam na sintaxe da língua portuguesa. Referente ao segundo período indicou-se, entre outras considerações, o verbo como categoria que pode ou não necessitar de complemento; o objeto direto em ser o complemento, representando o paciente da ação e o objeto indireto como pessoa a quem se dirige a ação; a predicação (ou regência) verbal como o tipo de conexão entre sujeito e verbo, entre verbo e complemento; o critério sintático, partindo das características apresentadas pelos verbos para definirem sua predicação.

Situadas algumas concepções sobre transitividade verbal propostas por diferentes autores, passemos, neste momento, à abordagem da transitividade oracional, observando-a como outra perspectiva de se examinar a transitividade. Elucidamos o fato de que a transitividade oracional não despreza, amplamente, a transitividade formal/categorial. Entretanto, discute-se a possibilidade de uma abordagem mais oracional/funcional, através de um funcionalismo moderado, prevendo como plausível a concomitância do estudo das categorias sintáticas e os planos do discurso dos textos, assim como, admitindo, não só as pressões internas, mas também comportamentos linguísticos expressos nas estruturas utilizadas pelos usuários da língua para a construção do texto.

No funcionalismo, a transitividade é concebida enquanto processo não absoluto, sob uma perspectiva que relativiza as possibilidades de análise do construto oracional, superando a dicotomia “transitivo” ou “não transitivo” por uma postura que visa à escalaridade, em termos do “mais transitivo” ou “menos transitivo”. Trata-se de uma visão gradiente de transitividade que considera todos os participantes, eventos e verbos que podem contribuir para melhor expressar o que ocorre na oração como um todo: transitividade oracional (MATOS, 2011, p. 50).

Neste caminho, para a análise da gradação ou escala de transitividade de um construto oracional são apontados dez critérios formulados por Hopper & Thompson (1980) e elencados no **Quadro III** desenvolvido por Cunha, Costa & Cezário (2003, p.37).

### **Quadro III:** Critérios de transitividade oracional

<b>Critérios/traços</b>	<b>Transitividade alta</b>	<b>Transitividade baixa</b>
1. Participantes	dois ou mais	um
2. Cinese	ação	não-ação
3. Aspecto do verbo	perfectivo	não-perfectivo
4. Punctualidade do verbo	punctual	não-punctual
5. Intencionalidade do sujeito	intencional	não-intencional
6. Polaridade da oração	afirmativa	negativa
7. Modalidade da oração	modo <i>realis</i>	modo <i>irrealis</i>
8. Agentividade do sujeito	agentivo	não-agentivo
9. Afetamento do objeto	afetado	não-afetado
10. Individuação do objeto	individuado	não-individuado

A seguir, com o objetivo de demonstrar a concepção de transitividade que sustenta os critérios de transitividade oracional, apresentamos alguns dos critérios com os

respectivos esclarecimentos e exemplos<sup>7</sup>. Ressalte-se que, considerando a relevância do estudo sobre transitividade para o nosso trabalho, voltado principalmente, para uma reflexão sobre os estudos dos usos da língua, elencamos apenas os critérios que tratam mais pontualmente desta questão. Critérios que trabalham com a questão do verbo, do aspecto verbal e do objeto: critério 2 (cinese); critério 3 (aspecto do verbo); critério 4 (punctualidade do verbo); critério 9 (afetamento do objeto); critério 10 (individuação do objeto).

Critério 2 (cinese): relaciona-se ao verbo expressar ou não uma ação. Desconsidera-se a presença de transitividade para verbos com noção de estado.

Ex:

a. O rapaz rasgou muito dinheiro.

(ação de rasgar)

b. Márcia é interessante.

(a noção de ser não gera ação)

Critério 3 (aspecto do verbo): indica uma ação vista de seu ponto final, ação perfectiva, tornando-se mais fácil a transferência para outro participante do que uma ação sem término. Logo, esse critério diz respeito à completude da ação transferida, perfectiva (acabada) ou imperfectiva (em andamento).

Ex:

a. Ele pintou o painel da exposição.

(perfectivo)

b. Ele está pintando o painel da exposição.

(imperfectivo)

Critério 4 (punctualidade do verbo): indica a duração de uma ação. Nas ações mais pontuais não há uma transmissão óbvia entre o início e o fim. Por outro lado, ações menos pontuais são inerentemente contínuas. Maior será o grau de punctualidade, quanto menor

---

<sup>7</sup> Propomos pequenas contribuições das explicações sobre cada critério, além de outra proposta de exemplário.

for a distância entre a ação e o efeito. Menor será o grau de pontualidade, quanto maior for a distancia entre a ação e o efeito.

Ex:

a. Eles riscaram a parede.

(não há distanciamento entre a ação de riscar a parede e o efeito desta ação)

b. Paulo escreveu um livro.

(não pontual, havendo um distanciamento entre a ação escrever e o efeito desta ação)

9º Afetamento do objeto: indica o grau de afetamento do paciente, relaciona-se à individuação do objeto.

Ex:

a. Os arquitetos reformaram a área interna da casa.

(a área interna da casa foi afetada pelo sujeito)

b. Os arquitetos observaram o projeto da casa.

(o projeto da casa não sofreu nenhum afetamento provocado pelo sujeito)

Critério 10 (individuação do objeto): relaciona-se à transferência de ação mais efetiva para um paciente individuado do que para um não-individuado.

Ex:

a. Ela aparou a grama do jardim.

(há a definição grama do jardim)

b. Ela vendeu alguns carros importados.

(objeto indefinido, não se pode mensurar a quantidade de carros vendidos)

A partir destes critérios, elencados por Hopper e Thompson (1980), é possível estabelecer o grau de transitividade de uma sentença, cada um deles contribui para o ordenamento das sentenças através de uma escala de transitividade. Para tanto, devem ser considerados em sua relação conjunta, implicando dizer que ao serem tratados de maneira isolada, estes não serão suficientes para determinar a transitividade da oração. É relevante mencionar que tais parâmetros que definem a transitividade são motivados pelos atos

discursivos. Nesse sentido, quanto mais traços a oração apresentar, maior será o grau de transitividade.

A noção de transitividade explicitada nesta seção colabora com a nossa proposta de observação dos usos do pronome *te*, uma vez que possibilita analisarmos, através de outro caminho, além da transitividade do verbo, o espaço discursivo, todos os seus componentes e as funções que ora desempenham em determinado contexto.

Na mesma direção, esclarecemos que o ponto mais importante de tratarmos da transitividade oracional, em nosso trabalho, é observá-la como uma “proposta de reflexão” – conforme mencionado no final da seção 2.1., pois, reconhecendo-a como outra maneira de verificarmos as estruturas no conjunto do texto, ratificamos nossa convicção de que é possível observar o pronome *te* não apenas por uma lógica mais normativa, mais formal, porém, também, considerando seus usos.

Na mesma medida, ainda que os autores aqui mencionados tenham desenvolvido mecanismos de análise, por meio dos critérios de Hopper & Thompson (1980) e da tabela gradiente de transitividade de Matos (2008), nossa pesquisa não o fará. Contudo, a admissão de que seja possível observar uma estrutura num conjunto do texto a partir de seus usos e considerando-se a sua relevância, permitiu-nos a influência teórica na gênese das bases da transitividade oracional.

Ainda pretendendo melhor delimitar nosso recorte conceitual para o tratamento do pronome *te*. Propomos, então, na seção 2.4, uma breve abordagem sobre o tema topicalização.

### **2.3 Prototipicidade**

Do ponto de vista mais moderado da linguística funcional, tendemos a considerar a estrutura linguística estandardizada pela gramática normativa, porém, a analisamos perante as bases funcionais de uso da língua configuradas no discurso. A visão de um funcionalista não cessa na função linguística dogmatizada pela via estrutural, considera-se a possibilidade de haver, a partir do uso, diferentes funções linguísticas para uma dada categoria.

Nesse caminho, observamos que há um membro linguístico (modelo) que reúne o maior número de propriedades que caracterizam uma categoria – o protótipo – ou a categoria mais prototípica. Enquanto que os demais membros que possuem um menor

número de propriedades que caracterizam uma dada categoria serão considerados menos prototípicos.

Quanto a este princípio do funcionalismo, Bybee (2010, p. 79) acrescenta:

Exemplar categories as built up through experience (in various domains) exhibit prototype effects. Prototype effects derive from graded category membership: some exemplars are central members of the category while others are more marginal. this property is often illustrated with natural categories such as BIRD: some birds, such as robins or sparrows are judged as more central to the category than others, for example eagles or penguins. this graded category membership has been revealed in experimental settings, using natural and cultural categories. Members of the same culture can pick out a consistent "best exemplar" of the category, react faster when asked if a central member belongs to the category compared to a more marginal one and produce consistent rankings of degree of membership in the category.<sup>8</sup>

Em nossa pesquisa, preliminarmente, acreditamos na existência de um uso mais frequente da função do pronome átono *te*, que seria, até o momento, o de desempenhar o papel de complemento e a função de objeto direto ou indireto. Contudo, esses são indícios visualizados a partir da gramática normativa e antes propriamente da análise dos dados. A análise de nossos dados permitirá verificar a exatidão desta função como a mais recorrente, como também, servirá para apontarmos a possibilidade da existência de outras funções desempenhadas.

Interessante mencionar as considerações de Bybee (2010, p. 79) que diz:

Given that constructions are conventional linguistic objects and not natural objects that inherently share characteristics, it seems that frequency of occurrence might significantly influence categorization in language. Considering also that using language is a matter of accessing stored representations, those that are stronger (the more frequent ones) are accessed more easily and can thus more easily be used as the basis of categorization of novel items.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Tradução proposta: "As categorias de exemplar como acumulado por meio da experiência (em vários domínios) expõem efeitos de protótipo. Os efeitos de protótipo derivam da adesão de categoria classificada: alguns exemplares são membros centrais da categoria enquanto os outros são mais marginais. Esta propriedade muitas vezes ilustra-se com categorias naturais como PÁSSARO: alguns pássaros, como tordos ou pardais julgam-se como mais centrais à categoria do que outros, por exemplo, águias ou pinguins. Esta adesão de categoria classificada revelou-se em colocações experimentais, usando categorias naturais e culturais. Os membros da mesma cultura podem escolher um "melhor exemplar consistente" da categoria, reagir mais rápido quando perguntado se um membro central pertencer à categoria em comparação com um mais marginal e produza rankings consistentes do grau da adesão na categoria".

<sup>9</sup> Tradução proposta: "Considerando que as construções são objetos linguísticos convencionais e não objetos naturais que inerentemente compartilham características, parece que a frequência da ocorrência poderia influir significativamente na categorização na língua. Considerando também que a utilização da língua é uma matéria de acessar representações guardadas, aqueles que são mais fortes (os mais frequentes) se acessam mais facilmente e podem usar-se assim mais facilmente como a base da categorização de itens novos".

Diante do exposto por Bybee (2010), mesmo que, coincidentemente, mantenhemos as categorias presentes na gramática formal como figuras prototípicas de uma determinada categoria da língua, isto não garantirá que tal categoria continue exercendo a figura de modelo para os demais membros, pois, ao considerarmos o fator frequência para a configuração de um protótipo, outro membro que passe a ser mais recorrente no uso pelos falantes passará a ser o membro central, mais prototípico e através do qual os demais poderão ser ajustados.

Desta forma, conduzimo-nos, mais uma vez, à noção do funcionalismo que explica que a gramática é desenvolvida mediante os usos que os falantes fazem da língua. Observamos, então, que a língua é dinâmica e flexível às influências do processo comunicativo dos falantes, sendo sua forma determinada pelas regularidades desse processo.

Portanto, nessa visão, a estrutura (ou a forma da língua) é uma variável dependente, resultante de regularidades das situações em que se fala. Daí segue-se que a estrutura só pode ser explicada levando-se em conta, e considerando-se com especial cuidado, a comunicação (GIVÓN *apud* VOTRE & NARO, 2012, p.17).

Destas impressões elencadas sobre o conceito de protótipo, na próxima seção, trataremos de outro conceito, também de vertente funcionalista, que compõe o conjunto teórico que sustenta e direciona este trabalho.

## 2.4. Topicalização

Não há unanimidade na literatura linguística sobre um direcionamento quanto à conceituação de tópico. Podemos encontrar tratamentos diferenciados a respeito, entre estes, podemos citar três indicados por Chafe (1976 *apud* PEZATTI, 2004, p.184):

“no inglês, o tópico é simplesmente um foco de contraste que tem de ser, por alguma, razão, colocado no início da oração”. (...) O do caddo (língua indígena americana), um sujeito escolhido antecipadamente e, portanto, não homogeneamente integrado à sentença que segue”. (...) O do chinês - escolhido como verdadeiro por Chafe - tem como função estabelecer um esquema espacial, temporal ou individual dentro do qual a predicação principal se mantém, de modo a limitar-lhe a aplicabilidades a certo domínio restrito”.

Em nossa pesquisa, a manifestação de tópico enquanto foco é a que mais se acomoda à presente investigação. Percebemos que há um movimento do pronome oblíquo átono *te* – enquanto função sintática de complemento verbal no *corpus* analisado – em

direção ao papel de tópico. Reforce-se que o papel de tópico, nos exemplos analisados do *corpus*, é desempenhado pelo sujeito sintático, assim, o pronome *te* vai em direção ao tópico, no entanto, por atração realizada pelo sujeito, que normalmente realiza o papel de sujeito do discurso.

Tal fato é compreensível quando se considera uma noção discursiva, na qual analisamos que o usuário da língua, de acordo com sua intenção comunicativa, posiciona determinado constituinte, tornando-o relevante em seu discurso. Comportamento não compreensível se considerarmos uma ordenação de constituintes para língua portuguesa como SVO (sujeito, verbo e objeto).

Como sugerido, não observamos, no *corpus* analisado, ocorrências que demonstrassem o pronome *te* em posição de tópico como, também, não foi constatado nenhum caso em que este pronome se posicionasse em seu lugar previsível de objeto, conforme ordem direta da língua portuguesa (SVO). Contudo, averiguamos que na maioria das ocorrências houve um reordenamento desta categoria, passando o objeto a posicionar-se antes do verbo, participando de uma ordenação (SOV) ou, em outros casos, também de quantidade significativa, o objeto, entre dois verbos, configurando a ordenação do tipo SVaOV<sup>10</sup>, sendo o primeiro auxiliar (“Va”, indicando tempo, pessoa e número) e o outro (“V”), nuclear.

De qualquer forma, este pronome, em todas as ocorrências, apesar de não estar ocupando seu lugar após o verbo, na sentença, continua desempenhando sua função sintática e seu papel de objeto, complementando o verbo (mesmo não o sucedendo).

Esta organização discursiva, utilizada pelo usuário da língua portuguesa, é explicada por Givón (2012, p.392) que apresenta um percurso histórico, demonstrando e justificando a mudança de posição do objeto seja sucedendo o verbo em um ordenamento (SOV) ou o antecedendo, na ordem (SVO). Para ele, essa direção de mudança reflete, na realidade, circunstâncias que caracterizam um movimento de ordem de tópico e foco. Em outras palavras, a noção estrutural da sentença, de ordem sintática, não é passível de elucidar tal mudança:

---

<sup>10</sup> Ainda que não tenhamos encontrado obras/autores que proponham a sigla SVaOV, a mesma foi concebida, partindo-se das ocorrências analisadas. Pois, necessitávamos correlacionar as ocorrências do corpus com as sugestões de ordenação dos constituintes consagradas nos estudos sobre a língua. Assim, nossa proposta ilustra os casos analisados, tendo em vista que não estariam compatíveis com uma ordenação SVO ou SOV, se considerarmos o exemplo do *corpus*, tal como: [70] A mamãe vai te gritar. Portanto, tal representação SVaOV é proposta, a priori, para atender às necessidades do presente trabalho.

Qualquer que seja a evidência que temos sobre os fatores que motivaram a mudança de SOV para VSO e SVO (Hyman, 1975; Venemann, 1973a; Stockwell, 1977; Givón, 1975e, 1977<sup>a</sup>), ela sugere que os fatores são discursivo-pragmáticos por natureza, envolvendo várias regras de movimento de topicalização e focalização.

Apesar de não evidenciarmos, em nosso corpus, nenhuma ocorrência deste pronome em posição de tópico, percebemos, na maioria dos casos, o deslocamento da direita para esquerda, de tal sorte que não há nenhuma ocorrência que esteja em sua posição prototípica - posterior ao verbo - ainda que sua função de complemento verbal perdure.

Desta forma, traçado nosso escopo teórico que nos permitiu aprofundar em relação a algumas concepções que fundamentam e orientam nossa investigação sobre os usos do pronome átono *te*, passamos a descrever, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos da presente pesquisa.

### CAPÍTULO III – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos explicitarão os caminhos percorridos nesta pesquisa a fim de alcançarmos o nosso propósito principal sobre o uso prototípico do pronome *te*. Para tanto, valemo-nos de alguns dos pressupostos teóricos do funcionalismo clássico. Também coopera para confecção desta parte do trabalho uma perspectiva que considera o aspecto sintático da língua, vislumbrando o discurso em sua realização oracional/textual.

O primeiro passo está relacionado à escolha do banco de dados. Necessitávamos de um *corpus* que corroborasse com a pesquisa de concepções da linguística funcional clássica e que se acomodasse ao nosso intento principal direcionado ao uso do pronome *te*. Em outras palavras, precisávamos de um registro de ocorrências que fosse legitimamente direcionado ao uso oral, representando uma realidade natural da fala do português brasileiro.

Nestes termos, o banco de dados C-Oral-Brasil, de Minas Gerais, foi o que acolheu nossas prerrogativas de investigação. Este banco de dados foi criado pelo projeto C-Oral-Brasil que se dedica ao estudo da fala espontânea do português brasileiro, através da compilação de um *corpus* de textos orais produzidos em contexto natural.<sup>11</sup> Diz respeito a um amplo banco de dados, contendo 263.645 palavras disponibilizadas em textos de oralidade transcrita (trechos, frases, parágrafos), produzidas em conversas informais e coletadas no estado de Minas Gerais e acessível pela linguateca (uma espécie de biblioteca virtual pública, disponível à pesquisa por processamento computacional através do projeto AC/DC):

#### Linguateca

O projeto AC/DC (Acesso a corpos/Disponibilização de corpos), iniciado em 1999, surgiu da necessidade de juntar os poucos recursos disponíveis num único ponto na rede e dessa forma facilitar a comparação e a reutilização do material, permitindo ao mesmo tempo acesso a uma ferramenta poderosa de interrogação de corpos. Desde 2000, a anotação dos corpos tem sido feita automaticamente pelo PALAVRAS de Eckhard Bick, e convertida para o "formato AC/DC", descrito pormenorizadamente na página de Anotação<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Acesso em 05 de 2015: <http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>

<sup>12</sup> Acesso em 07 de 2015: <http://www.linguateca.pt/ACDC/>

Por se tratar de um *corpus* (virtual) que reflete o uso oral, o projeto C-Oral-Brasil, visando garantir a fidedignidade na transcrição do texto oral, estabeleceu algumas fases de compilação, a saber:

As principais fases de compilação são: 1. Gravação com equipamento wireless de alta qualidade; 2. Transcrição por transcritores experts segundo os critérios de segmentação mencionados e com base em critérios não sempre ortográficos, com o intuito de preservar fenômenos da fala que possam estar em curso de gramaticalização ou lexicalização; 3. Revisão das transcrições; 4. Segunda revisão durante o alinhamento com o software WinPitch de Philippe Martin; 5. Etiquetagem léxico-morfossintática com o software Palavras de Eckhard Bick, especialmente treinado para este corpus e com a ajuda de um pré-processamento utilizando o ambiente computacional R; 6. Etiquetagem informacional de um minicorpus de pelo menos 20 textos e 30.000 palavras com base na Teoria da Língua em Ato<sup>13</sup>.

No entanto, reconhecemos que todo *corpus* está suscetível a dificuldades e determinadas restrições, ainda mais por se tratar de ocorrências da oralidade, com *corpus* que retratam usos orais, algo ainda em processo na academia, tonando seu aporte mais restrito e, em partes, complexo. De toda forma, valorizamos o trabalho com textos da oralidade transcrita, por tornar-se mais útil para a nossa investigação, visto que se aproxima da espontaneidade da produção textual, combinando à perspectiva da linguística funcional nos estudos dos usos da língua.

No que tange a organização da numeração dos quadros, tabelas e gráficos que ilustram o trabalho, os mesmos foram apresentados em numeração arábica crescente desde o primeiro capítulo. No entanto, no que se refere aos exemplos do trabalho (frases, trechos ou textos), apenas aqueles que foram retirados do *corpus* foram numerados e disponibilizados através de colchetes. Esta decisão foi tomada para melhor organizar e tratar os dados elencados do nosso *corpus*, evitando misturá-los com os demais exemplos que percorrem todo o trabalho, mas que não fazem parte do *corpus*. Reforçamos, também, que por escolha metodológica, esta numeração de exemplos só se inicia no capítulo das análises: parte do trabalho em que efetivamente abordamos os exemplos do *corpus*.

O próximo passo foi realizar a busca por ocorrências que demonstrassem o uso do pronome oblíquo átono *te* no *corpus* do projeto C-Oral-Brasil, disponível no ambiente virtual do projeto AC/DC.

---

<sup>13</sup> Acesso em 07 de 2015: <http://www.c-oral-brasil.org/>

O acesso é feito a partir do menu do projeto AC/DC: corpo C-Oral-Brasil. Especificamente no campo “Procurar” coloca-se a palavra a qual se pretende pesquisar. Em nosso caso, a palavra pesquisada foi o pronome *te*. A seguir, o menu para a busca:

**Quadro IV:** Menu de busca do Projeto AC/DC: corpo C-Oral-Brasil<sup>14</sup>

## Projeto AC/DC: corpo C-Oral-Brasil

[AC/DC : Linguateca](#)

O corpo **C-ORAL-BRASIL** foi criado pelo projeto [C-Oral-Brasil](#), que "se dedica ao estudo da fala espontânea do português brasileiro, através da compilação de um corpus de textos orais produzidos em contexto natural".

Procurar:

**Resultado:**

- Concordância
- Distribuição das formas (*word*)
- Distribuição dos lemas ([lema](#))
- Distribuição da categoria gramatical (PoS) ([pos](#))
- Distribuição do tempo verbal e/ou do caso pronominal ([temcagr](#))
- Distribuição de pessoa e/ou número ([pessnum](#))
- Distribuição do gênero morfológico ([gen](#))
- Distribuição da função sintática ([func](#))
- Distribuição por campo semântico ([sema](#))
- Distribuição por grupo (de cor, roupa, etc.) ([grupo](#))

**Opções**

- Resultados por ordem alfabética (só distribuições)
- Ignorar maiúsculas/minúsculas (não admite parâmetros)

Amostra aleatória de  linhas.

Tipo	Fala espontânea
Variante(s)	BR
Tamanho (unidades)	436 mil
Tamanho (palavras)	263 mil

[Página principal](#)  
**Procure noutros corpos:**  
[AmostrA-NILC](#) [ANCIB](#) [Avante!](#)  
[Corpus Brasileiro](#) [CD HAREM](#)  
[CETEMPúblico](#) [CHAVE](#) [Colonia](#)  
[CONDIVport](#) [CoNE](#) [C-Oral-Brasil](#)  
[DiaCLAV](#) [Diáspora](#) [TL-PT](#) [ECI-EBR](#)  
[ECI-EE](#)  
[ENPCPUB](#) ([parte em português](#))  
[Floresta](#) [FrasesPB](#) [FrasesPP](#) [Mariano](#)  
[Gago](#) [Moçambula](#) [Museu da Pessoa](#)  
[Natura/Minho](#) [OBras](#) [ReLi](#)  
[NILC/São Carlos](#) [todos juntos](#) [Tycho](#)  
[Brahe](#) [Vercial](#)

Da busca que realizamos com o pronome *te*, encontramos 210 ocorrências deste pronome em diferentes trechos e textos (Ver anexos – Parte 1). Observamos 100% das ocorrências para as nossas análises, contudo, convém esclarecer que optamos pelo cancelamento de 22 (vinte e duas) destas, por dois motivos, a saber:

- I. não foi possível identificar as expressões do texto por conta da ilegibilidade;
- II. a transcrição do texto não permitiu que identificássemos com convicção o que significaria a expressão “Xá”.

Ressalte-se que essa foi uma decisão arbitrária, para que pudéssemos eliminar qualquer tipo de possibilidades de dado que viesse a comprometer as análises que se fariam em seguida. Assim, trechos ou frases que não fossem devidamente coerentes ou palavras que, por qualquer motivo (erros digitação, palavra não identificada no dicionário do português, dentre outros), estimulasse a mera interpretação daquilo que não fosse entendido no momento do tratamento do dado.

<sup>14</sup> Acesso em 07 de 2015: <http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>

Portanto, das 210 ocorrências, trabalhamos, efetivamente, com 188 (cento e oitenta e oito) ocorrências do *corpus*, pois consideramos, apenas, as ocorrências que se apresentaram de maneira clara e coerente para estabelecermos uma análise apropriada.

Realizada a seleção, analisamos sintaticamente o pronome *te* em cada uma das 188 ocorrências, visando:

1º confirmar papel de complemento verbal de tal pronome, identificar as funções sintáticas desempenhadas nos trechos em que o pronome em estudo aparece, também, em função sintática prototípica;

2º apontar a relação do pronome *te* com estruturas verbais, inclusive, com locuções do tipo verbais: quantidade de ocorrências, verbos/locuções verbais mais frequentes;

3º observar e destacar o funcionamento deste pronome em relação à colocação pronominal, sobretudo, com as locuções verbais.

4º analisar o movimento deste pronome em direção a figura de tópico, levando-se em consideração a ordenação dos constituintes.

Para obtermos êxito nestas etapas foram realizadas:

1º busca de ocorrências que contivessem a presença do pronome *te*;

2º seleção de 188 ocorrências do resultado da busca citada;

3º análise sintática e oracional do pronome *te* em cada ocorrência.

Esclareceremos que realizamos a análise sintática tendo em vista a perspectiva da gramática tradicional que prescreve as categorias: objeto direto e objeto indireto, como possíveis funções sintáticas exercidas pelo respectivo pronome. Da mesma maneira observamos as ocorrências por uma perspectiva oracional ao relacionar o uso maciço de determinados verbos simples/locuções verbais em detrimento a outros. Igualmente optamos por apoiar nossas análises em torno da colocação pronominal (próclise, mesóclise e ênclise) e sua relação com o pronome *te*, apreciando tanto uma perspectiva sintática quanto oracional.

Para ilustrar o resultado desta contagem, construímos gráficos e tabelas (Capítulo IV – Análises) que sintetizam o procedimento realizado.

A partir desta coleta de ocorrências do pronome átono *te* e identificados os usos regulares que nos permitiram apresentar o propósito do nosso trabalho: o uso prototípico do pronome *te*, passemos a analisar o *corpus* e constatar os resultados da presente pesquisa.

## CAPITULO IV – ANÁLISES

A partir das primeiras impressões das análises quantitativas e qualitativas do *corpus* C-ORAL-BRASIL, é possível apresentar algumas análises. Os quadros, as tabelas e os exemplos demonstrados resultam do trabalho com as 188 ocorrências do pronome *te* no *corpus* investigado que possui 263.645 mil palavras produzidas em conversas informais e coletadas no estado de Minas Gerais.

Reforçando nossas prerrogativas teóricas, salientamos o fato de que as análises seguem na direção de identificarmos os usos que se ambientam no espaço textual discursivo prototípico. Deste modo, as observações, quantificações e reflexões partem das estruturas que são mais frequentes, mais usadas nas ocorrências elencadas, logo, em um ambiente que sugere prototipicidade.

Seguindo as delimitações da proposta metodológica, foi possível fazer algumas referências conforme apresentado nas seções a seguir.

### 4.1 Funções sintáticas desempenhadas pelo pronome *te*

O conjunto de textos/trechos em que as 188 ocorrências do pronome átono *te* se apresentam, foram analisadas, uma a uma, visando identificar a função sintática desempenhada por cada pronome em busca de confirmar o papel de complemento verbal e a possível função sintática prototípica.

A seguir, apresentamos gráficos e tabelas que expressem, mais claramente, alguns resultados em que se pode observar a frequência de cada função sintática desempenhada pelo pronome *te*.

a) Objeto indireto: 137 (cento e trinta e sete ocorrências)

[1] isso não *te* diz nada

[2] Aí, conversamo, aí eu falei assim, não, foi algo que eu *te* falei que eu não concordei.

b) Objeto Indireto pleonástico: 1 (uma ocorrência)

[3] Tô *te* falando com cê que morrei, uai olha, p' cê ver // olha aonde que ea vai morrer.

c) Objeto direto: 49 (quarenta e nove ocorrências)

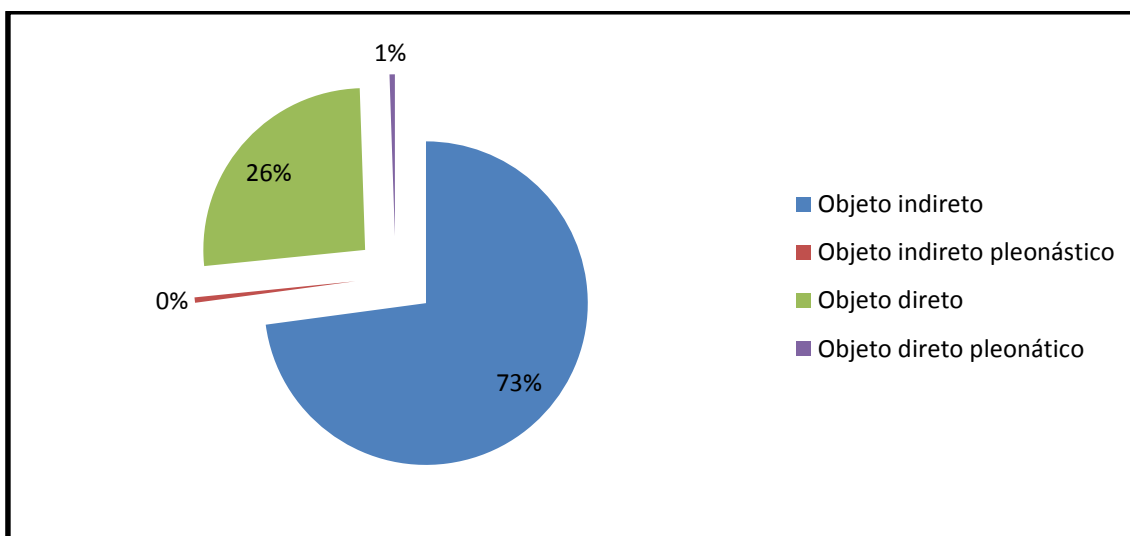
[4] Ea só tá jogando pa *te* arrebentar, Lívia.

[5] Senão eu *te* atrapalho.

d) Objeto direto pleonástico: 1 (uma ocorrência)

[6] Cê lembra, que eu até *te* levei cê na sua casa.

**GRÁFICO 1:** Função sintática prototípica



Constatamos, a partir da análise do *corpus*, que a função sintática prototípica do pronome *te* é a de objeto indireto, pois é a função mais frequente, nos trechos em que este pronome ocorre. O mesmo acontece no trabalho de Matos (2008), no qual se verificou a função sintática de objeto indireto como a mais frequente para o pronome *lhe*, no *corpus* investigado.

Vale ressaltar, no entanto, que a gramática normativa sugere que o pronome *te* tanto pode ser objeto direto quanto objeto indireto. Observando-se o gráfico 1, ainda que fique nítido que a função sintática prototípica do pronome *te* seja objeto indireto, há um percentual de 26% de ocorrências na função de objeto direto. Portanto, conforme indicações de autores como Infante (1996) e Cunha (2008):

**Quadro V:** Função sintática do pronome *te*

AUTOR	FUNÇÃO SINTÁTICA DO PRONOME OBLÍQUO ÁTONO <i>TE</i>
Infante (1996)	objeto direto ou objeto indireto
Cunha & Cintra (2008)	objeto direto ou objeto indireto

Pode-se afirmar que as indicações da gramática normativa coincidem com o que ocorre com os usos do pronome *te* em nosso *corpus*. Tais comentários podem ser explicados pela nossa admissão de que ainda que acreditemos que uma perspectiva funcional seja o caminho mais promissor para a pesquisa/ensino/aprendizagem das estruturas/funções da língua portuguesa, não desprezamos a validade da gramática normativa, pois, às vezes, há coincidências entre o que a gramática normativa prescreve para língua e o que o estudo linguístico de perspectiva funcional descreve dos usos da língua.

Tal constatação foi anteriormente reforçada no trabalho de Mota (2008), no qual a autora observou, em seu *corpus*, que o pronome átono *te* assume o papel de complemento verbal. Vale ressaltar que, embora nosso estudo não trate diretamente dos pronomes de tratamento *tu* e *você* – conforme ocorre em Mota (2008) – isto nos auxiliou no sentido de confirmar a regularidade do pronome átono *te* como complemento.

Em contrapartida, ainda em termos sintáticos, há de se considerar o fato de que no *corpus* de Mota (2008), a função sintática prototípica é a de objeto direto, diferentemente do que ocorre em nosso *corpus*, cuja predominância se intensifica na função sintática de objeto indireto. Sobre isto convém mencionar não apenas a validade de nossa pesquisa, mas a testificação de que a busca pela regularidade, cerne de nossa linha de estudos, também pode nos indicar movimentos sobrepostos donde o uso é que de fato vai confirmar o que seria regular.

Portanto, muito mais do que a própria estrutura (*te*, *tu* ou *você*) ou o recorte do que se decida fazer, os usos é que de fato indicarão o que é prototípico.

#### 4.2 Relação do pronome oblíquo átono *te* com estruturas verbais

A seguir, nas próximas duas subseções, trataremos especificamente da atuação do pronome *te* nos construtos oracionais, no que se refere aos verbos simples e às locuções verbais.

##### 4.2.1 Relação do pronome oblíquo átono *te* com verbos simples

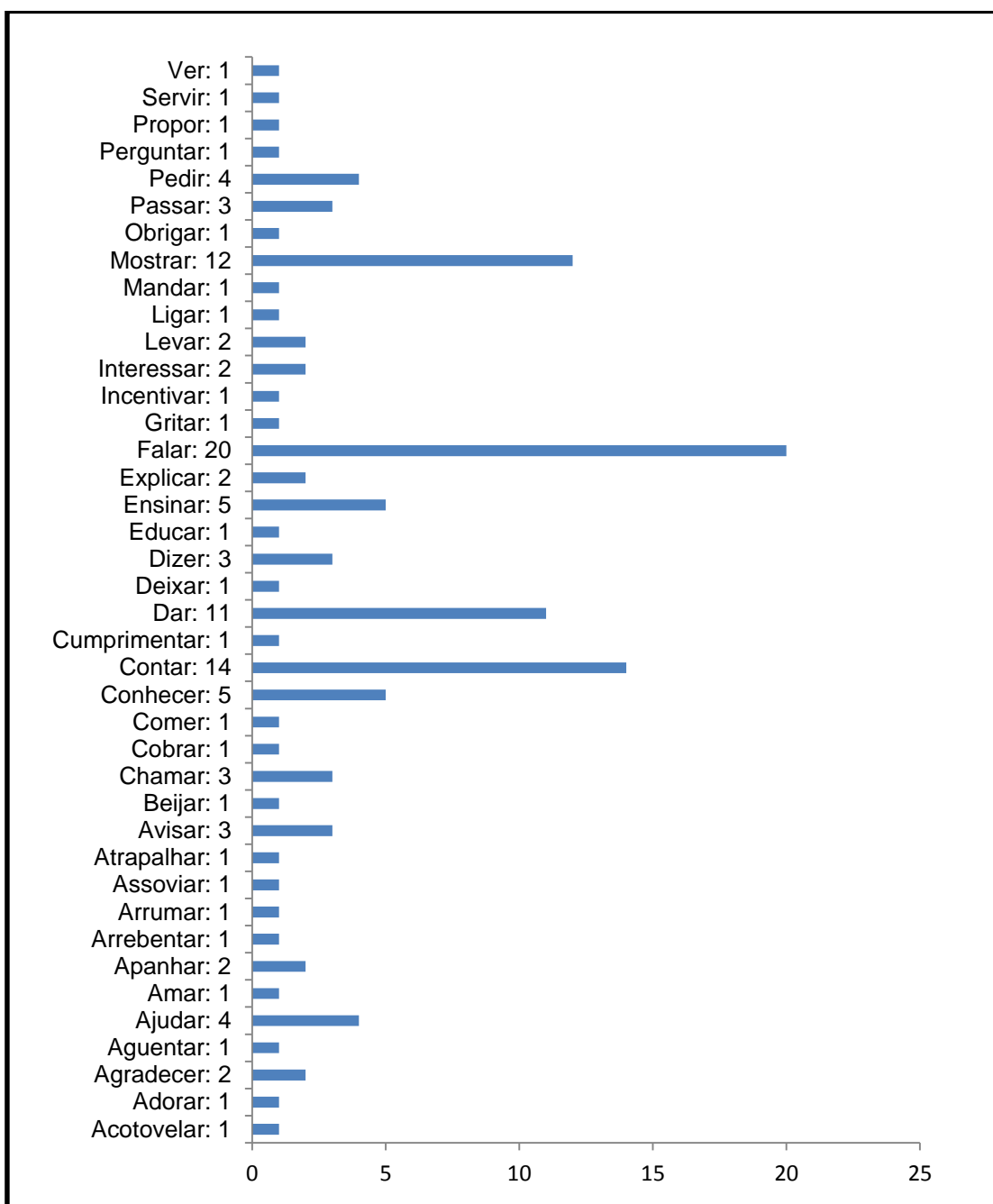
Conforme proposto na metodologia, vamos tratar da relação do pronome *te* com verbos simples. Informamos que a relação deste pronome com as locuções verbais será tratada na subseção 4.2.2.

A seguir, apresentamos a Tabela 1, em que constam os verbos simples e a quantidade respectiva de ocorrências; o Gráfico 2 que pretende ilustrar a tabela 1 e um exemplário com as ocorrências de alguns destes verbos.

**Tabela 1:** Verbos/pronome *te*

Acotovelar: 1
Adorar: 1
Agradecer: 2
Aguentar: 1
Ajudar: 4
Amar: 1
Apanhar: 2
Arrebentar: 1
Arrumar: 1
Assoviar: 1
Atrapalhar: 1
Avisar: 3
Beijar: 1
Chamar: 3
Cobrar: 1
Comer: 1
Conhecer: 5
Contar: 14
Cumprimentar: 1
Dar: 11

Deixar: 1
Dizer: 3
Educar: 1
Ensinar: 5
Explicar: 2
Falar: 20
Gritar: 1
Incentivar: 1
Interessar: 2
Levar: 2
Ligar: 1
Mandar: 1
Mostrar: 12
Obrigar: 1
Passar: 3
Pedir: 4
Perguntar: 1
Propor: 1
Servir: 1
Ver: 1

**GRÁFICO 2:** Verbo/quantidade de ocorrências

Visando contextualizar a ocorrência dos verbos presentes na Tabela 1 e no Gráfico 2, apresentamos o exemplário a partir do *corpus*:

[7] Fora as pessoas te acotovelando, e sendo mal-educadas.

[8] Gente boa pra caramba, a gente te adora.

[9] Ah, ele vai te dar. Eu que te agradeço.

[10] Como é que eu te agüentei tanto tempo, hein.

[11] Depois eu, venho e te ajudo a lavar.

- [12] Quem te falou que eu sou bicha. Quis te amar.
- [13] Lembra que uma hora que eu te mostrei. Eu te apanho.
- [14] Ea só tá jogando pa te arrebentar, Lívia.
- [15] Pois vai ter que arrumar um vou ter que, te arrumar um filho p cê trocar fralda.
- [16] Seu pai te assovia.
- [17] Depois eu vou te mostrar essas coisas. Senão eu te atrapalho.
- [18] eu te avisei, Zé.
- [19] ia falar, que eu tô louco pa te beijar desde aquele dia.
- [20] Ah, e por que es te chama de Vó.
- [21] até pa te cobrar.
- [22] Eu n tenho como te comer de lado assim não.
- [23] diz ela que te conhecia.
- [24] Então depois eu termino de te contar.
- [25] E chega pra te cumprimentar,
- [26]
- Aí quando cê fizer a prova, cê leva esse formulariozim que es vão te dar p ' professor, o professor, preenche, e depois cê, espera terminar tudo, né .
- [27] Eu vou lá, cê quer que te deixa em casa .
- [28] isso não te diz nada .
- [29] N te eduquei pra isso
- [30] então é melhor te ensinar pela Antônio Carlos.
- [31] deixa eu ver como que eu te explico
- [32] Tô te falando com cê que morreu, uai
- [33] Qualquer coisa eu te grito .
- [34] Porque a idéia de te incentivar a fazer Letras foi dela .
- [35] sei se, te interessa, mas eu vou falando, depois tu vê se te interessa ou não.
- [36] Cê lembra, que eu até te levei cê na sua casa .
- [37] eu te ligar
- [38] eu te mandei uma lista com uns dez lugar diferentes .
- [39] Hhh eu te mostrei, né, Tommaso .
- [40] A arte mesmo, ela te obriga a pensar, refletir, sempre traz alguma, coisa que vai te enriquecer, a tua visão de mundo
- [41] Eu dei o meu carimbo + é porque eu falei assim, não, eu te passo todos os meus estágios e tal.

[42] Santo Pai, nós *te pedimo* uma benção para todos os Irmão através de toda a tua Terra habitada, principalmente os irmãos que moram em país aonde tem guerra, fome, doença, e às vezes até catástrofe .

[43] Era isso que eu ia *te perguntar* aquela hora .

[44] (...) animado a fazer aquilo que o professor *te propõe*, né

[45] Cê tá querendo que *te serve* aqui .

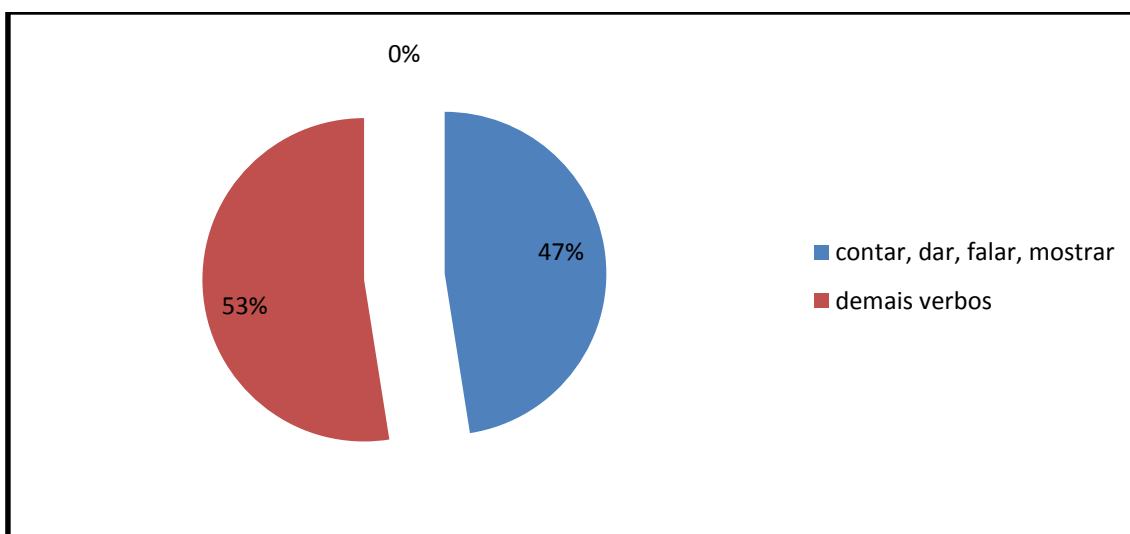
[46] Eu simplesmente *te vi* mijando no bidê.

Embora haja 120 (cento e vinte) ocorrências do pronome *te* com verbos simples é possível verificar que há um conjunto menor de verbos com os quais o pronome *te* se relaciona. Assim, há 40 (quarenta) verbos para 120 ocorrências. Uma proporção média de 3 ocorrências para cada verbo. Em outras palavras, diante da enorme quantidade de verbos que existem na língua portuguesa, 40 deles são suficientes para atender às ocorrências em que o pronome *te* aparece no *corpus*.

Assim sendo, numa perspectiva da linguística funcional, os usos do pronome *te* ocorrem, majoritariamente, com um conjunto mínimo de verbos, se considerarmos a quantidade de verbos que há na língua portuguesa.

Seguindo o mesmo raciocínio, é possível afirmar que destes quarenta verbos apenas quatro (falar, contar, mostrar e dar) são suficientes para atender 47% das ocorrências. Em outras palavras, das 120 ocorrências do pronome *te*, 57 delas dão-se com os quatro verbos mencionados, conforme Gráfico 3.

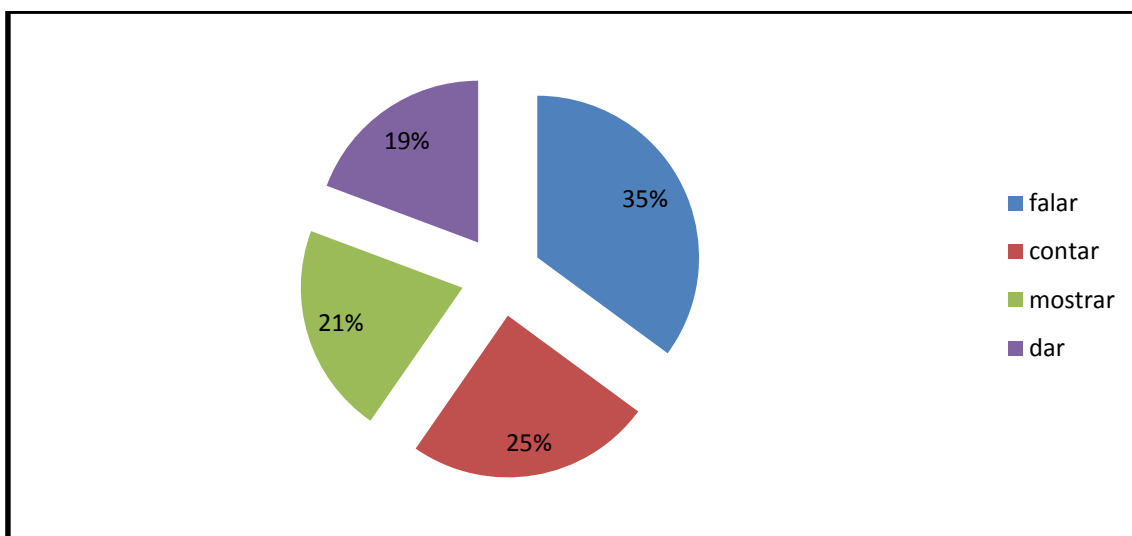
**GRÁFICO 3:** Verbos mais frequentes ou outros verbos



A partir do Gráfico 3, podemos constatar nossa afirmação de que o uso ocorre em função de um conjunto de motivos que talvez não possam ser ainda delimitados, mas que, ao menos, indica que o uso de alguma maneira determina a forma e as escolhas verbais que ocorrem junto ao pronome *te*.

A seguir, o Gráfico 4 delimita os verbos que mais se relacionam com o pronome oblíquo átono *te*, a partir do *corpus* trabalhado, a saber: falar 35% (20 ocorrências), contar 25% (14 ocorrências), mostrar 21% (12 ocorrências) e dar 19% (11 ocorrências):

**GRÁFICO 4:** Verbos que mais se relacionam com o pronome *te*



Para exemplificar a ocorrência dos verbos presentes no Gráfico 4, apresentamos os seguintes períodos:

[47] Que daqui a pouco eu *te* falo essa aqui, e, esse cara, ele é muito importante.

[48] N sei se eu já *te* contei.

[49] é, aquilo que eu *te* mostrei.

[50] Eles *te* deram, definitivo.

Diante do exposto, é possível confirmar que o pronome *te* se relaciona, no *corpus* analisado, com um conjunto específico de verbos simples. São 120 ocorrências com verbos simples, deste total, 40 verbos da língua portuguesa mais se relacionam com este pronome e apenas 4 preenchem 47% das ocorrências, sendo o verbo “falar” o mais frequente destes.

Percebemos, então, que os sujeitos, participantes para a composição do *corpus*, de alguma maneira, escolhem estes verbos simples por algum motivo, algo plausível de ser compreendido se considerarmos a noção de uso da linguística funcional.

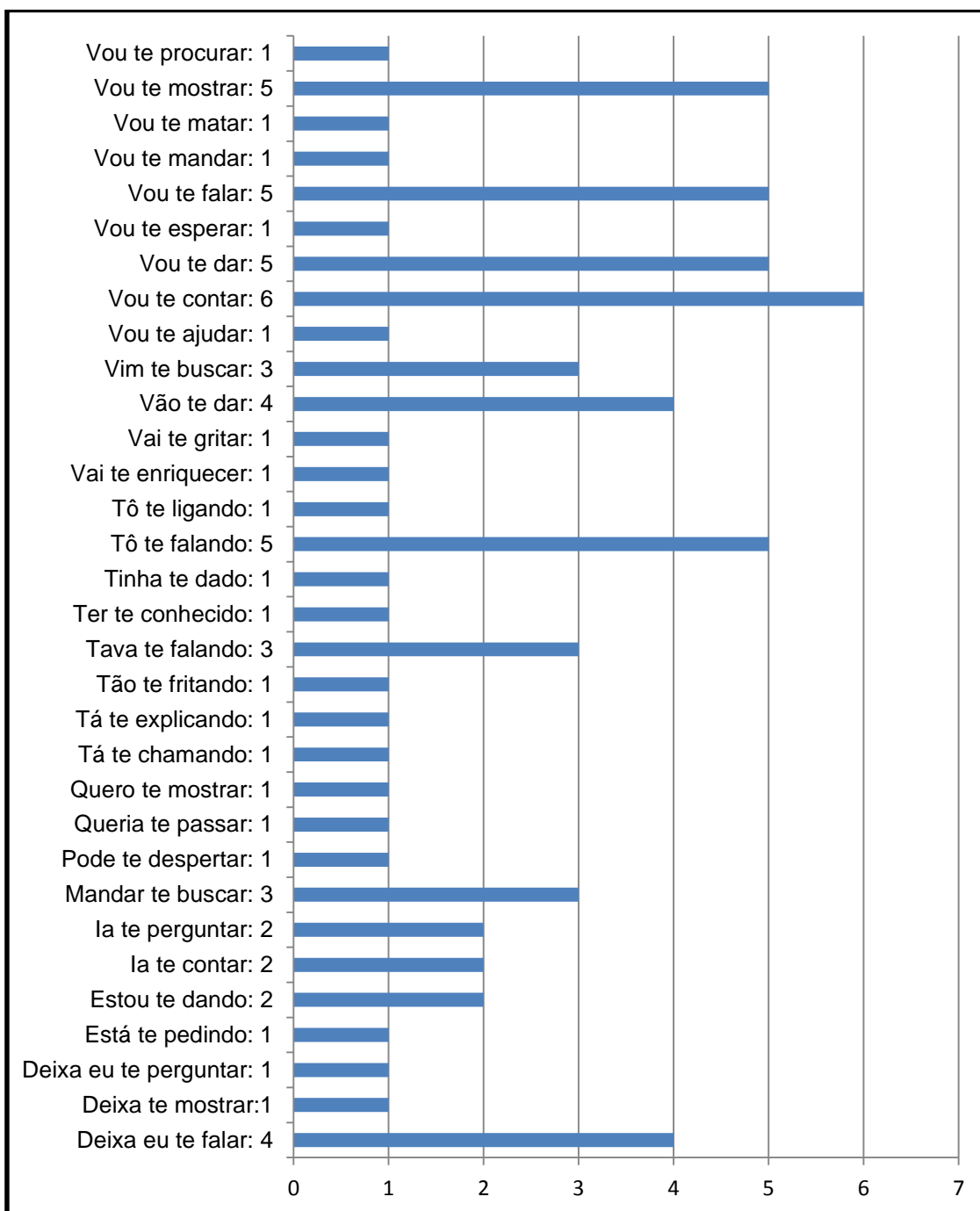
#### 4.2.2 Relação do pronome oblíquo átono *te* com locuções verbais

Uma questão interessante em nossa pesquisa é o fato da ocorrência do pronome oblíquo átono *te* acompanhado de locuções verbais. Ainda que tenhamos previsto na metodologia e na própria concepção dos objetivos do trabalho, a observação de verbos simples, no decorrer da análise dos textos/trechos, foi possível verificar a presença significativa de 68 estruturas locucionais, do tipo verbais. Assim, utilizamos o mesmo procedimento para contagem e identificação das estruturas locucionais mais recorrentes, quando diante do pronome em estudo.

Vale ressaltar que para a determinação da função prototípica – prevista e apresentada na seção 4.1 deste capítulo, a análise foi realizada considerando não apenas a ocorrência do pronome *te* com os verbos, mas, também, com as ocorrências destas locuções verbais. Ver Tabela 2 e Gráfico 5, a seguir:

**Tabela 2:** Locuções verbais/pronome *te*

Deixa eu te falar: 4	Tinha te dado: 1
Deixa eu te perguntar: 1	Tô te falando: 5
Deixa te ajudar: 1	Tô te ligando: 1
Está te pedindo: 1	Vai te enriquecer: 1
Estou te dando: 2	Vai te gritar: 1
Ia te contar: 2	Vão te dar: 4
Ia te perguntar: 2	Vim te buscar: 3
Mandar te buscar: 3	Vou te ajudar: 1
Pode te despertar: 1	Vou te contar: 6
Queria te passar: 1	Vou te dar: 5
Quero te mostrar: 1	Vou te esperar: 1
Tá te chamando: 1	Vou te falar: 5
Tá te explicando: 1	Vou te mandar: 1
Tão te fritando: 1	Vou te matar: 1
Tava te falando: 3	Vou te mostrar: 5
Ter te conhecido: 1	Vou te procurar: 1

**GRÁFICO 5:** Locuções verbais/quantidade de ocorrências

Contextualizando a ocorrência das locuções verbais presentes na Tabela 2 e no Gráfico 5, apresentamos o seguinte exemplário do *corpus*:

[51] Aí eu falei assim, deixa eu te falar, eu vou trazer umas roupas minhas.

[52] Deixa te mostrar minha personagem de verdade.

- [53] Deixa eu te perguntar. Cê lembra, que eu até te levei cê na sua casa.
- [54] tá te pedindo pra poder levar pra mãe dela no hospital.
- [55] Ali ele olha, e tem um outro Torpedo, ele fala, estou te dando um Torpedo de presente, e vou produzir o seu filme .
- [56] mas que que mais que eu ia te contar .
- [57] Era isso que eu ia te perguntar aquela hora .
- [58] Eu vim te buscar que o capetão lá, o chefe, mandou eu te buscar .
- [59] gente um pouco, e que sabem que que pode te despertar interesse, o que que pode ser + foi um carinho, esse filme .
- [60] eu queria te passar isso aqui primeiro não o Geraldo, ele me deu isso aqui pra fazer as cópias, e ele foi lá na prefeitura, porque, o Ibraim, tá questionando o seguinte
- [61] A única alteração básica que eu queria te mostrar mesmo, eu vou botar em microfone interno pra gente poder gravar .
- [62] Ah, n te contei . ô João, mãe tá te chamando .
- [63] Bom, então e ' tá te explicando, e a batata tá queimando .
- [64] Cuidado que estão te fritando .
- [65] Pois é, que eu tava te falando .
- [66] Se fosse ruim pra mim, eu tinha te dado um chute com minha perna direita, cê tava voando até hoje e n tinha chegado no lugar .
- [67] é o que eu tô te falando que n pode .
- [68] Eu tô te ligando, porque me deu muita saudade de você .
- [69] A arte mesmo, ela te obriga a pensar, refletir, he, sempre traz alguma, coisa que vai te enriquecer, a tua visão e mundo.
- [70] A mamãe vai te gritar .
- [71] Aí quando cê fizer a prova, cê leva esse formulariozím que es vão te dar p ' professor, o professor, preenche, e depois cê, espera terminar tudo, né .
- [72] Quando chegou lá, ela falou assim, aí João Soldado, eu vim te buscar .
- [73] you te ajudar mais não .
- [74] Mas eu you te contar, viu .
- [75] começou dar contração já you te dar anestesia.
- [76] Vous te esperar esgoelar. Eu te chamei três vezes p ' cê me dar ele .
- [77] Tem um aqui que you te falar uma coisa.

[78]Eu mandei até pra uma menina de Napoli, eu you te mandar um texto que ela mandou, mas lindo .

[79] Eu you te matar, mas tudo bem .

[80] Depois eu you te mostrar essas coisas .

[81] Hoje mesmo you te procurar.

Ainda que haja 68 (sessenta e oito) ocorrências do pronome *te* com locuções verbais é possível verificar que há um conjunto menor de locuções com as quais o pronome *te* se relaciona<sup>15</sup>. Assim, há 32 (trinta e duas) locuções verbais para 68 ocorrências. Uma proporção média de 2,1 ocorrências para cada locução verbal. Significa dizer que, na enorme quantidade de locuções verbais que existem na língua portuguesa, 32 (trinta e duas) destas são suficientes para atender as ocorrências em que o pronome *te* aparece.

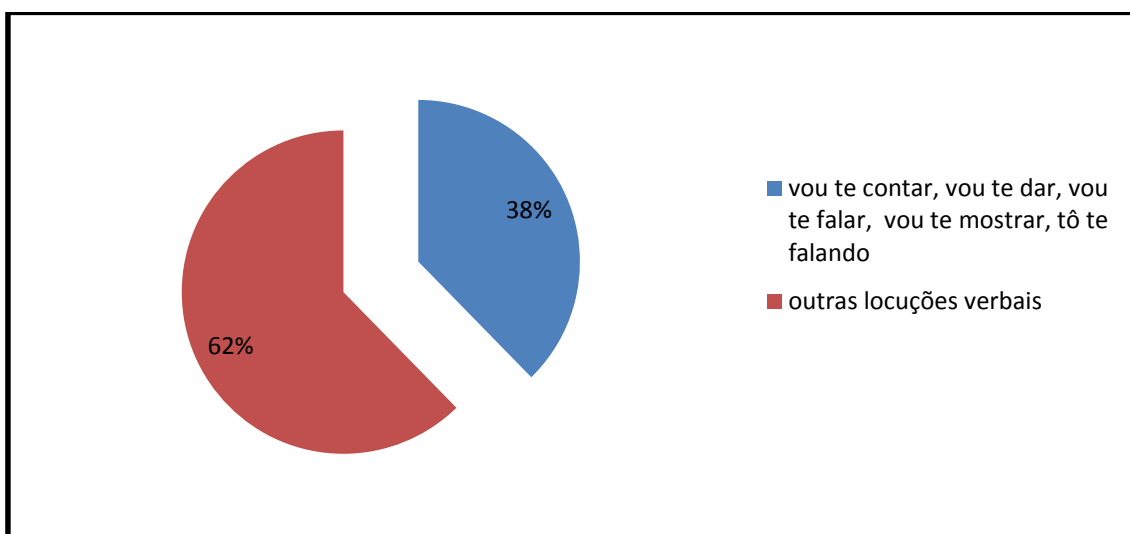
No mesmo caminho, contudo, é possível afirmar que destas 32 (trinta e duas) locuções verbais apenas 5 (cinco) – “vou te contar”, “vou te dar”, “vou te falar”, “vou te mostrar”, “tô te falando” – representam 38% das ocorrências. Isto quer dizer que, das 68 (sessenta e oito) ocorrências do pronome *te*, 26 (vinte e seis) ocorrências dão-se com as cinco locuções verbais mencionadas, conforme Gráfico 6.

Novamente, assim como verificado nos verbos simples, é possível identificar que há um conjunto específico de ocorrências dos usos do pronome *te* com certas locuções verbais. De um total de 68 ocorrências, 26 locuções verbais da língua portuguesa são mais frequentes com os usos deste pronome, sendo apenas 5 que ocupam 38% das ocorrências.

A partir desta constatação, ratificamos o fato de que os sujeitos, de alguma maneira, escolhem certas locuções verbais em detrimento de outras por algum motivo, algo passível de ser analisado quando se considera a noção de uso da linguística funcional.

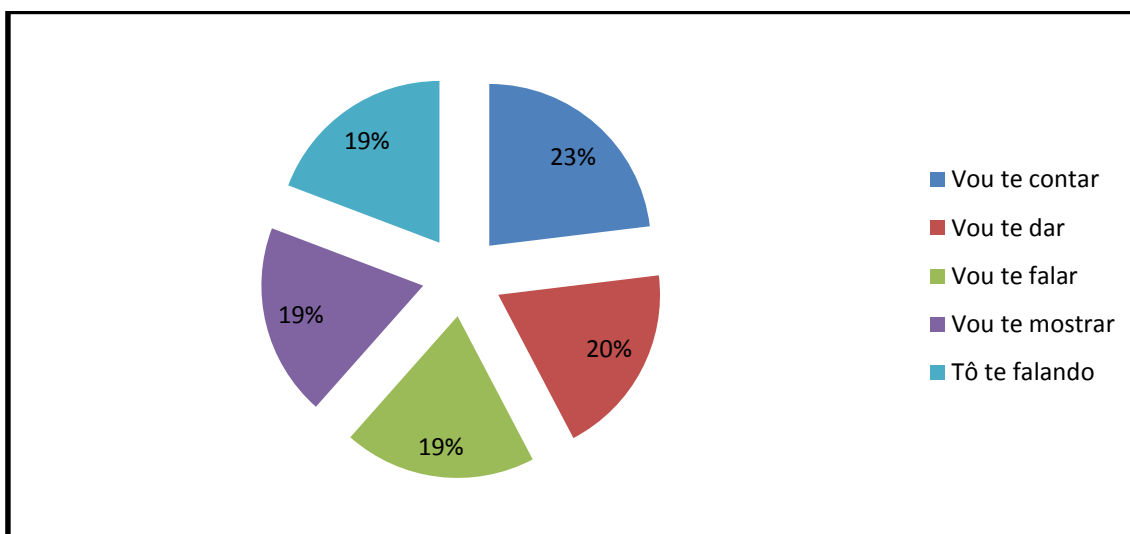
---

<sup>15</sup> Ressaltamos que é possível seguir o mesmo raciocínio que utilizamos na observação do pronome *te* com os verbos simples, conforme mencionando na subseção 4.2.1.

**GRÁFICO 6:** Locuções verbais mais frequentes/outras locuções verbais

Conforme demonstrado no Gráfico 6, constata-se, também, assim como observado no caso da relação do pronome *te* com os verbos simples, que os usos das locuções verbais com este pronome indicam que tais usos de alguma maneira selecionam certas formas e não outras. Ainda que seja possível delimitar alguns usos regulares, não temos condições, neste trabalho, de apresentar uma explicação razoável para tais usos ou escolhas de usos.

Em nosso próximo gráfico, observamos as locuções verbais que mais se relacionam com o pronome oblíquo átono *te*, a partir do *corpus* trabalhado, a saber: vou te contar 23% (6 ocorrências), vou te dar 20% (5 ocorrências), vou te falar 19% (5 ocorrências), vou te mostrar 19% (5 ocorrências), tô te falando 19% (5 ocorrências):

**GRÁFICO 7:** Locuções verbais que mais se relacionam com o pronome *te*

Exemplificando a ocorrência das locuções verbais presentes no Gráfico 7, apresentamos os seguintes trechos:

[82] Vou te contar, velho.

[83] Amanhã eu you te dar o dinheiro, hein.

[84] Aí, chegou de manhã e tal, ele levantou, e falou, eu you te falar outra coisa, hein.

[85] Tem uma igreja aqui, eu you te mostrar onde é que é.

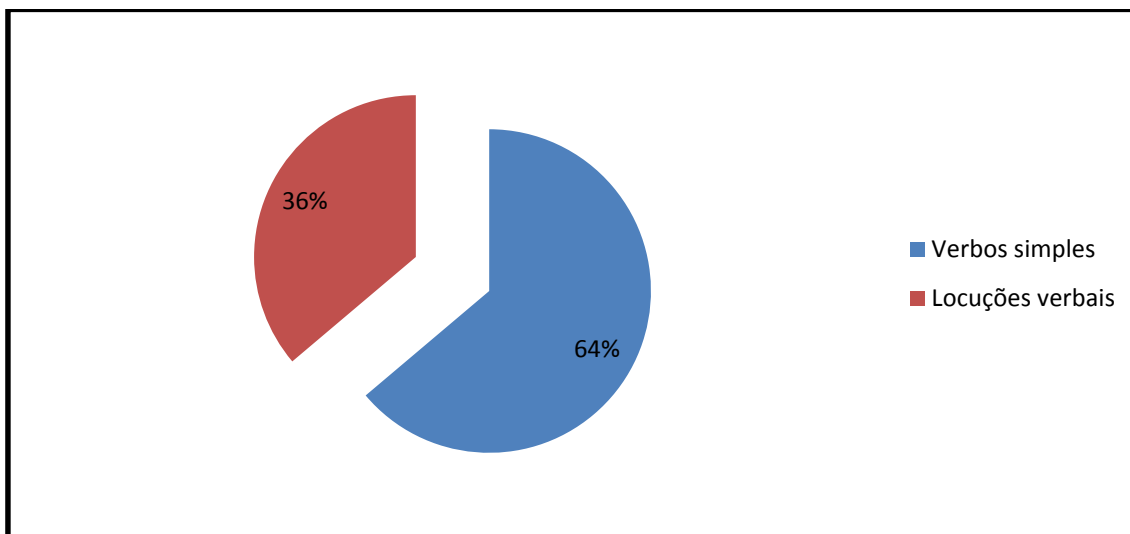
[86] foi lá olhar, tô te falando.

Na seção a seguir, trataremos de outro ponto observado, a partir das análises preliminares, que surgiu exatamente no momento em que se observou que o percentual de locuções verbais combinadas com o pronome *te* é expressiva, se considerarmos proporcionalmente a combinação do pronome *te* com verbos simples.

#### **4.3 Colocação pronominal: uma questão de uso e não de regra**

Iniciamos a seção, retomando as impressões de Saraiva (2008), nas quais se verificou que a posição proclítica é a mais recorrente quanto à colocação pronominal tanto na escrita quanto na fala, já a posição enclítica ocupa poucos usos na escrita e acentuado apagamento na fala e, por fim, a mesóclise é praticamente inutilizada.

Neste sentido, em uma constatação um pouco divergente da de Saraiva (2008), no que diz respeito ao uso da mesóclise, apresentamos um gráfico que demonstra um movimento de usos, em nosso *corpus*, com acentuada frequência de locuções verbais e que, de alguma forma, explica o motivo pelo qual decidimos observar com mais atenção a ocorrência do pronome oblíquo átono *te* nas combinações com as estruturas locucionais do tipo verbais. E, quais impressões se podem suscitar em relação à colocação pronominal (ênclise, próclise e mesóclise):

**GRÁFICO 8:** Ocorrências com verbos simples e com locuções verbais

A partir do Gráfico 8, é possível verificar que 36% das ocorrências com estruturas locucionais do tipo verbais, sugerem a necessidade de uma observação cautelosa sobre tais estruturas, uma vez que dizem respeito a usos que, a princípio, exigem maior complexidade estrutural, devido ao seu conteúdo.

Primeiramente, há que se observar em quais posições o pronome *te* aparece no que diz respeito à colocação pronominal. Vale ressaltar, no entanto, que tais usos, que em nosso *corpus* originam-se da oralidade, tendencialmente, são mais coloquiais. Logo, os falantes estão mais despreocupados, em tese, com qualquer atenção sobre regra normativa. Por exemplo, [87] Vou te dar moeda, tá, filhote. ou [88] foi lá olhar, tô te falando. são construções muito mais próximas da oralidade, da informalidade, por isso, mais distantes: do texto escrito, que é mais standardizado; e do registro formal.

Assim, preliminarmente, verificamos a quantidade de cada posição do pronome. Neste ponto, convém acrescentar algo minimamente inusitado, se considerarmos o que mencionamos no parágrafo anterior no que diz respeito aos usos orais tendencialmente menos formais, a saber: a presença significativa de mesóclise:

[89] é isso que eu ia te perguntar.

[90] eu you te matar, mas tudo bem.

[91] Eu n you te ajudar mais não.

[92] Eu mandei até pra uma menina de Napoli, eu you te mandar um texto que ela mandou, mas lindo.

Será necessário um aprofundamento nesta questão, pois ainda que tais estruturas não sejam comuns aos usos previstos nos compêndios gramaticais, fica muito difícil não considerar mesóclises, os usos identificados nas ocorrências do pronome *te*, em que tal pronome situa-se exatamente entre dois verbos. Aliás, há pesquisas em linguística funcional que já sinalizam, inclusive, a existência da mesóclise a partir da *tmese* (TOMANIN, 2011), que seria entendida como uma espécie de cisão, não apenas no interior de uma palavra (verbo), mas entre dois verbos (locução verbal).

Parece-nos que o termo cisão é um tanto categórico, se considerarmos que de fato a presença do pronome no interior da estrutura, necessariamente, não quebra/cinde o sentido da mesma. Ocorre que o pronome é admitido no meio, sem efetivamente comprometer o sentido anterior, mas ampliá-lo com a sua presença. Assim, a nosso ver, talvez chamarmos de admissão seria mais apropriado. Nesta perspectiva, a *tmese* passa a ser observada como um fenômeno estrutural que não cinde, mas que admite o uso de um verbo auxiliar mais um nuclear, refletindo um só sentido.

A respeito do termo *tmese*, de origem grega “*tmesis*”, que significa cortar, não é tão fácil de ser consultado nos compêndios gramaticais e em obras importantes da história da gramática brasileira.

Portanto, não se pretende, de forma alguma, dar-se a discussão como encerrada, contudo, visando lograr êxito em nossas proposições, reconhecemos a mesóclise como um tipo de *tmese*. Fenômeno inclusive reconhecido nos estudos da língua inglesa, por exemplo, considerado enquanto fenômeno entre uma palavra ou grupo de palavras que se colocam entre outros termos, compondo um novo conjunto.

Ressalte-se, inclusive, que na concepção dos estudos da língua inglesa, a *tmese* é um fenômeno reconhecidamente motivado por questões discursivas, pois seus usos resultam em um traço mais cômico, mais irônico, enfim, mais pragmático.

Segundo definição do dicionário Oxford (2004, p. 439), “*tmesis*”: “n. (pl. *tmeses*) the separation of parts of a compound word by an intervening word or words, heard mainly in informal speech.<sup>16</sup>”

Neste sentido, seria o mesmo que dizer que a mesóclise é um tipo de *tmese*, embora nem toda *tmese* seja uma mesóclise, posto que a *tmese* do tipo mesóclise traz em sua

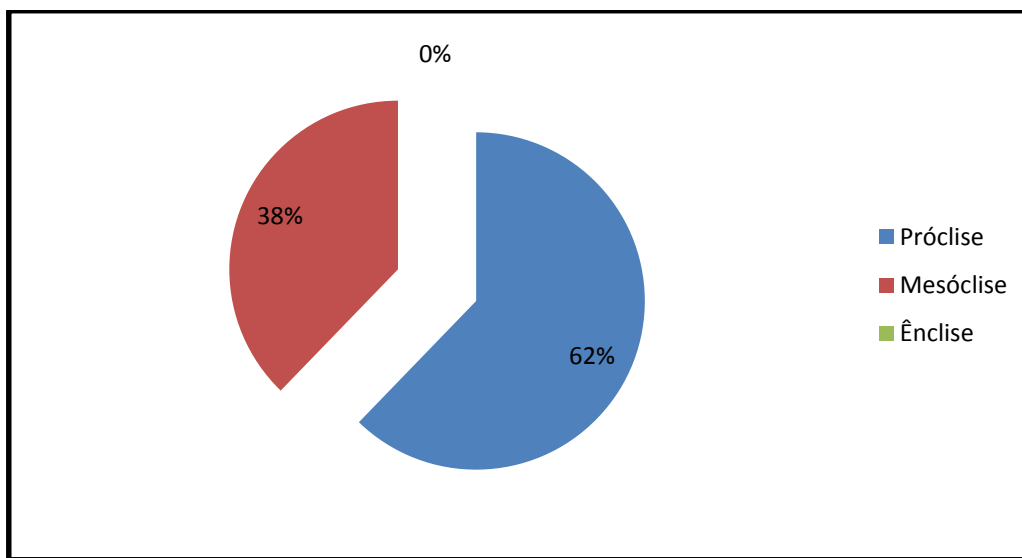
---

<sup>16</sup> Tradução proposta: “a separação das partes de uma palavra composta por uma palavra interveniente ou palavras, ouvidas principalmente em discurso informal”.

constituição estrutural a presença de um pronome clítico. Assim, nada nos impede que consideremos os exemplos elencados em nosso *corpus* como mesóclises genuínas.

Assumindo, portanto, que as ocorrências com as locuções verbais podem ser identificadas como mesóclises, apresentamos o Gráfico 9, a seguir, demonstrando as ocorrências do pronome *te*, enquanto colocação pronominal.

**GRÁFICO 9:** Posição do pronome *te* diante da locução verbal



Observando o gráfico 9 e valendo-se dos comentários presentes no Capítulo I de Saraiva (2008), relacionamos algumas de suas afirmações às nossas percepções depois de analisarmos os usos do *te* com locuções verbais. Assim, verificou-se em sua investigação, praticamente, o apagamento das ênclises nos usos, o que significa dizer que concordamos com as afirmativas de Saraiva (2008), já que não houve nenhuma ocorrência de ênclise em todas as ocorrências em nosso *corpus* analisado, conforme demonstrado no gráfico 9. Quanto à próclise, também foi possível identificar concordância de opinião, já que 62% dos usos do pronome *te* são proclíticos em nosso *corpus* e, da mesma forma, Saraiva (2008) verificou que a posição proclítica é a mais recorrente tanto na escrita quanto na fala em seu *corpus*.

Contudo no que se refere à mesóclise, considerando nossa posição de aceitarmos no interior de um verbo ou no interior de uma locução verbal a admissão de um pronome (*tmese*), não corroboramos com a afirmação de Saraiva (2008) que diz que a “mesóclise é praticamente inutilizada”, visto que 38% dos usos em nosso *corpus*, ocorreram com o pronome na posição mesoclítica.

A presença de 38% de ocorrências do pronome *te* na posição mesoclítica foi o fato que mais chamou-nos atenção, pois é algo praticamente consensual no âmbito do ensino de língua portuguesa e da própria academia o fato de que a mesóclise está desaparecendo por conta do não uso da mesma. Neste sentido, a presença de mais de um terço de ocorrência do pronome *te* na posição mesoclítica já indica que, de alguma forma, os falantes vêm fazendo uso deste pronome nesta posição, a despeito da lógica que sugere quase a extinção da mesóclise.

Na mesma direção, outro ponto interessante a este respeito é a ocorrência de tais usos em um universo textual de base oral e surgida em situações de uso mais voltadas para a informalidade. Tal afirmação é feita, pois desde as primeiras séries do ensino é dito que o uso mesoclítico faz parte de um conjunto textual muito mais voltado para a formalidade e, por isso, seu uso vem sendo cada vez menos frequente<sup>17</sup>.

Neste sentido, consideramos válido verificar até que ponto a suposição de que a mesóclise pertence a um registro mais formal quando, em nossa pesquisa, é possível notar o uso significativo do pronome *te*, em posição mesoclítica, a despeito da afirmação de que isto não estaria nas previsões da gramática normativa e das afirmações da academia:

Na verdade,... (a ênclise não ocorre com as formas do futuro do indicativo (...). quando não é possível fazer a próclise, deve-se optar pela mesóclise, forma completamente desusada na língua coloquial do Brasil: dir-nos-ão o que fazer! Entender-me-ia o estrangeiro (PASQUALE E ULISSES, 1998, p.558).

Portanto, acreditamos que é construído um conjunto de certezas que no afã de atender às demandas sociais, aceitamos proposições que de fato nem sempre se confirmam se se considerar o uso propriamente dito da língua.

Em outras palavras, mais uma vez, admitindo-se a perspectiva de uma linguística do uso, é possível constatar que o falante da língua, de acordo com os seus interesses, de acordo com suas intenções comunicativas, faz os usos que lhe convém, sem precisar respeitar regras ou indicações sociais que desprezem a urgência da necessidade humana de se comunicar.

---

<sup>17</sup> João Ubaldo Ribeiro, importante escritor do Jornal Estadão, na coluna “Cultura Artes”, no texto “A vergonha da mesóclise” apresenta o seguinte trecho: “Da mesóclise, coitada, nem se fala. Seu raríssimo emprego é obrigatoriamente, seguido de uma explicação ou piada, porque, se for a sério, é considerado pedante ou ridículo, talvez porque quem pensa assim crê que usá-la envolve dificuldades insuperáveis”. (RIBEIRO, 2009, p.1)  
Acesso em 06 de 2015 link:<http://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,vergonha-da-mesoclise,383502>

### 4.3.1 Ainda sobre posição na sentença

Nesta subseção, amparados nas afirmações presentes no item 2.4 Topicalização, faremos uma breve consideração a respeito desse movimento que o pronome *te* faz de uma posição prototipicamente de complemento na direção do tópico.

Especialmente, no capítulo de análise, na subseção anterior, em que verificamos a relação do pronome com estruturas verbais, é possível notar, nos usos, o deslocamento feito pelo falante, em que o pronome se dirige para uma posição mais topicalizada.

Supomos que esta atitude de motivações discursivas se dá na direção das intenções do falante diante de seus potenciais interlocutores.

Vejamos alguns exemplos do deslocamento do *te* em que se vê a clara movimentação da ordem dos constituintes que sai de SVO para SOV. A partir de tal deslocamento sintático, podemos sugerir, em um plano discursivo, a intenção do locutor, ao transferir um pronome com função de complemento em direção ao plano de figura de tópico. Seguem os exemplos:

[93] you *te* ajudar mais não.

Neste exemplo, notamos que o falante desloca o pronome *te* para antes do verbo nuclear, enfatizando a ação de uma possível ajuda ao receptor. Exemplificando uma construção esperada sintaticamente, teríamos o pronome *te* posposto ao verbo nuclear, ou seja: Vou ajudar-*te* mais não.

[94] Eu tô *te* ligando, porque me deu muita saudade de você.

Notamos da mesma forma que no exemplo anterior, o deslocamento do pronome *te* em direção à figura de tópico. Neste caso, o locutor pretende destacar sua atitude de ligar para o interlocutor. Para tanto, transfere o pronome átono para antes do verbo nuclear, aproximando-o do pronome pessoal do caso reto “eu”. Ressalte-se que, neste caso, o emissor e a figura do sujeito “eu” são as mesmas. A estrutura sintática esperada seria: Eu estou ligando-*te*, porque me deu muita saudade de você.

[95] Eu mandei até pra uma menina de Napoli, eu vou *te* mandar um texto que ela mandou, mas lindo.

Neste exemplo, o falante também utiliza o pronome átono antes do verbo nuclear, valorizando a pessoa do discurso a quem se dirige o evento mandar. Em outras palavras, observamos que mais importante do que “um texto” é a pessoa que o receberá. Não é a toa que ao invés de o falante usar o texto, ele utilize “um texto”. Sintaticamente, espera-se a seguinte construção: Eu mandei até pra uma menina de Napoli, eu vou mandar-*te* um texto que ela mandou, mas lindo.

[96] Primeiro modelo que eu vou *te* mostrar, né.

Outro exemplo no qual o usuário desloca o pronome átono para antes do verbo nuclear, caracterizando sua intenção em enfatizar a figura do receptor antes do evento “mostrar”. No entanto, neste caso, a intenção enfatiza o objeto mostrado (“Primeiro modelo”) e, talvez, por isso, a antecipação de para quem é mostrado ocorra (*te*). Em outras palavras, ainda que o complemento esteja antes mesmo do sujeito (“eu”), sugerindo uma ordem de constituintes ainda mais adversa da ordem SVO, o movimento que insistimos como efetivo permanece: a antecipação do pronome da posição O em (SVO) para uma posição OV em (SOV). Poder-se-ia ressaltar a ocorrência sintática do pronome relativo “que”, pois de fato se dá pela topicalização do objeto (“Primeiro modelo”). Assim, reafirmamos a lógica de nossa pesquisa, sob a égide da linguística funcional centrada no uso. Pois o pronome relativo “que” tem sua existência indicada pela presença do complemento (“Primeiro modelo”) topicalizado, exigindo em termos estruturais que o pronome relativo atue para que a sentença siga na mesma direção das intenções do emissor, que seria valorizar que o sujeito do discurso mostraria o “Primeiro modelo” ao receptor *te*.

Resumindo, diríamos da seguinte maneira: o falante, por sua própria intenção, antecipa um termo que normalmente ocuparia a posição de objeto, indo para a posição de tópico. Este movimento realizado pelo falante estimula a antecipação do pronome *te*, aproximando-o da coisa mostrada e antes do evento mostrar. Porém, para que a estrutura atenda as indicações discursivas que o falante imprime na sentença, o pronome relativo “que”, enquanto função sintática, ocorre para garantir a semântica do trecho.

Seguindo a mesma proposta de se pensar sobre a topicalização, outro ponto merece destaque: a relação do *te* deslocado, aproximando-se do sujeito da oração. Observe-se que

estamos tratando do sujeito como elemento do discurso e não, apenas, como elemento sintático.

Neste sentido, observamos que no *corpus* analisado, as pessoas do discurso que participam com o pronome *te* são, predominantemente, os pronomes. No entanto, os pronomes do caso reto são marcantes nesta posição sintático-discursiva, a saber, os pronomes eu, ele(s)/ela(s), nós:

[97] Que daqui a pouco eu *te* falo essa aqui, e, esse cara, ele é muito importante.

[98] Ela *te*, mostrou o jogo mais difícil cê fazer.

[99] é esse agora que nós *te* falamos, ué.

Tais casos podem ser observados tanto em situações explícitas como implícitas, conforme ocorrem nas estruturas desinenciais verbais, por exemplo:

[100] Quis *te* amar. (eu quis)

[101] Não, depois *te* explico, bem, assim. (eu explico)

Contudo, a ocorrência do pronome “eu” é mais presente na figura do sujeito do discurso. Há também outros termos que ocupam este espaço, todavia não são necessariamente pronomes, como observado nos seguintes exemplos:

[102] Mas que o Bruno *te* mostra, depois.

[103] Fora as pessoas *te* acotovelando, e sendo mal-educadas.

[104] Eu queria passar na praia, a mamãe *te* contou que o Irineu adicionou ela no Facebook.

[105] Esse jogo *te* influenciou um pouco.

[106] ô João, mãe tá *te* chamando.

[107] Seu pai te assovia.

[108] A mamãe vai te gritar.

[109] Qual que o menino te pediu.

[110] (...) animado a fazer aquilo que o professor *te* propõe, né.

Ressalte-se que os exemplos apresentados de [102] a [110], são todos os que constam em nosso *corpus*, em que a ocorrência é diferente de um pronome reto.

Vale mencionar que nem todos os elementos das ocorrências de nosso *corpus* que funcionam como sujeito são sempre aqueles que falam. Neste caminho, observamos que nas ocorrências com sujeito diferente do pronome da primeira pessoa do caso reto, as pessoas que participam do discurso são sempre outro nome, logo, nestes casos, são os elementos que agem e não o “eu”.

Nesta visão panorâmica, proposta na seção 4.3.1, cuja discussão pautou-se a partir das reflexões sobre topicalização, fica-nos uma certeza de que consideramos o trânsito do pronome no espaço da sentença. Verificando, também, algumas consequências discursivas que representam uma trajetória promissora para estudos sobre o pronome *te*, para os pronomes de um modo geral, para a topicalização e os respectivos usos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, orientada pelos pressupostos do funcionalismo clássico, seguiu um caminho de estudos, já desenvolvido por outros membros do grupo de pesquisa TLB – Teorias Linguísticas de Base, a respeito da análise de uma categoria pronominal sob a ótica da linguística funcional centrada no uso. O pronome oblíquo átono *te* foi nosso objeto de estudo. Neste sentido, acreditamos que nossa pesquisa ampliou a escala de investigações no grupo TLB sobre os pronomes átonos, a saber: Matos (2008), pronome “lhe” e Vanderlei (2014) pronome “me”.

Na mesma proporção que as anteriores, a nossa investigação privilegiou uma abordagem mais moderada da linguística funcional, adotando alguns conceitos do funcionalismo (prototipicidade, topicalização, transitividade oracional) que sustentaram o nosso interesse em desenvolver um estudo que partiu da observação da regularidade dos usos. Contudo, não se descartou as outras manifestações não tão regulares, que foram configuradas após a delimitação do que se convencionou como estrutura regular.

Objetivamos, principalmente, encontrar o uso prototípico do pronome *te*, mas, também, conseqüentemente, as manifestações não regulares deste pronome.

Elencamos, então, quatro capítulos que atenderam ao nosso intento e validaram nossa hipótese de verificação de uma categoria prototípica do pronome *te* (consolidada nos estudos gramaticais) e a constatação de haver outras possibilidades não prototípicas, ao passo que consideramos uma instância menos sintática e mais discursiva.

Sendo assim, foi desenvolvido um estado de arte através de trabalhos acadêmicos sobre categorias pronominais. Procedimento que nos permitiu verificar que: são poucas as pesquisas sobre categorias pronominais sob a vertente funcionalista; novos encaminhamentos podem ser dados a uma determinada categoria pronominal a partir da observação do uso da língua; o estudo sobre o uso do pronome *te*, numa abordagem mais oracional e discursiva pode colaborar para um ensino diferenciado.

Três princípios do funcionalismo embasaram a construção da pesquisa, a prototipicidade e a topicalização (eixos norteadores) e a transitividade oracional (ponto de reflexão). Assim, foi possível discutir a noção de protótipo e, nesta direção, verificou-se o uso mais frequente da função do pronome átono *te*; e a noção de tópico, que permitiu constatar o movimento do pronome *te* em direção à figura de tópico.

Também foram expostas, respectivamente, as delimitações da proposta metodológica e os resultados das análises que constatamos a partir das 188 ocorrências tratadas no *corpus* C-ORAL-BRASIL.

Portanto, em relação aos usos do pronome átono *te* que se ambientam no espaço textual discursivo prototípico, foram verificadas duas funções sintáticas desempenhadas por este pronome, a saber: objeto indireto, objeto direto. Todavia, ressaltou-se a existência de objetos pleonásticos tanto na função direta quanto na função indireta. Destas funções sintáticas exercidas pelo pronome átono *te*, a que se apresentou em maior frequência nos trechos em que este pronome ocorreu foi a de objeto indireto. Sendo, então, a função sintática prototípica do pronome oblíquo átono *te*.

Vale acrescentar que o mesmo ocorre nos compêndios gramaticais cujas informações nestas obras tendem atribuir a função sintática de objeto direto e indireto ao pronome *te* (Ainda que não haja destaque da maior ocorrência de usos, pois não é este o objetivo de uma gramática normativa).

É interessante ressaltar que neste diálogo comparativo entre a perspectiva prescritiva da gramática normativa, teoricamente, em oposição a uma perspectiva que considere o funcionamento da língua, descrevendo-a, parece nem sempre ser cabível. Posto que, se de fato fossem perspectivas teóricas antagônicas, pois, obviamente, a gramática normativa se fundamenta em princípios da lógica estrutural/formalista, situações semelhantes a esta identificada em nosso trabalho, cuja função sintática atribuída a um pronome tanto pela gramática normativa quanto por uma proposta como a nossa, seriam incompatíveis. Por isso, pesquisas nesta mesma direção visam principalmente indicar, sugerir caminhos de análise linguística sem, necessariamente, descartar a validade da gramática normativa que tem seu papel científico e, principalmente, social.

Outra questão examinada foi a relação do pronome oblíquo átono *te* com estruturas verbais. Constataram-se as ocorrências do pronome *te* com verbos simples e locuções verbais. Foram 120 ocorrências com verbos simples e 68 com locuções verbais. Especificamente, 40 verbos simples da língua portuguesa apresentaram-se mais frequentes e exclusivamente 4 preencheram 47% das ocorrências, dentre estes, o verbo “falar” foi o mais prototípico; enquanto que 32 locuções verbais foram as mais frequentes e 5 destas preencheram 38% das ocorrências. Compreendemos, então, que os sujeitos do *corpus*, preferiram determinados verbos simples e locuções verbais movidos por algum

interesse, motivo este que pode ser explicado a partir da noção de uso da linguística funcional.

Em nosso trabalho não nos detivemos sobre tais motivos, por questões metodológicas e de recorte de pesquisa, no entanto, admitimos que haja interrogações a serem respondidas para pesquisas futuras.

Sobre a colocação pronominal, constatou-se, a partir das ocorrências do pronome *te* no *corpus* analisado, que a posição proclítica é a posição prototípica. Opostamente, a posição enclítica, posição não identificada em nenhuma das ocorrências, pode ser considerada não possível para os usos do pronome *te* em nosso *corpus*.

Quanto à mesóclise, concebemos que as ocorrências do pronome *te* no interior das estruturas locucionais verbais configura a presença da posição mesoclítica, uma vez que esta cisão é um tanto categórica e não quebra/cinde o sentido das mesmas. Assim, esta posição mereceu destaque em nossas análises, pois verificamos a presença significativa de 38% das ocorrências dos usos do pronome *te* em posição mesoclítica, comportamento este, diverso do apresentado no estudo de Saraiva (2008), por exemplo, no qual a mesóclise é inutilizada e que respalda um movimento tanto acadêmico quanto do contexto educacional de que estaria havendo o apagamento da mesóclise, devido ao não uso.

Ainda sobre a posição mesoclítica, vale salientar que esta pesquisa identificou a presença da mesóclise em situações de uso mais voltadas para a informalidade, rescindindo um posicionamento estigmatizado de que a mesóclise pertence ao campo de registro mais formal e escrito.

Deste modo, nosso estudo permitiu-nos direcionar um novo prisma em relação à posição mesoclítica, uma vez que esta posição apresentou-se de maneira expressiva no *corpus* analisado. Sugerindo que os falantes fazem uso do pronome *te*, nesta posição, para atender seus interesses comunicativos, não se importando com o estigma da possível extinção da mesóclise ou o fato de pressões sociais impedirem a urgência da necessidade humana de se comunicar. Saliente-se que a investigação sobre o conceito de *tmese* foi decisivo para os encaminhamentos indicados em nosso estudo sobre mesóclise, bem como possíveis desdobramentos a partir de pesquisas vindouras.

No que se refere à localização do pronome átono *te* na sentença, os usos demonstraram o deslocamento deste pronome, dirigindo-se à posição topicalizada. Constatou-se, desta forma, nas ocorrências do *corpus* analisado, a expressiva movimentação na ordem dos constituintes de SVO para SOV. Este deslocamento de

motivações sintáticas sugeriu-nos, em um plano discursivo, a intenção do falante ao transferir um pronome com função sintática de complemento ao plano de figura de tópico.

Ainda sobre o deslocamento do pronome *te*, agora em sua relação com o sujeito sintático da oração, verificamos que as pessoas do discurso que participam com este pronome são, predominantemente, os pronomes do caso reto eu, ele(s)/ela(s), nós. Desta maneira, há uma coincidência entre a pessoa do discurso e aquele que fala. Destaque-se que nem todos os elementos das ocorrências de nosso *corpus*, que funcionaram como sujeito sintático e foram as pessoas do discurso, são as mesmas que enunciaram o discurso.

Além da figura do pronome reto, outros nomes (substantivos) executaram o papel de sujeitos do discurso na relação com o pronome *te*. Portanto, o pronome *te* ainda que deslocado de sua posição após o verbo (SVO) para antes do verbo (SOV), continua mantendo uma relação discursiva, em que o sujeito sintático, o sujeito do discurso são os agentes da sentença.

Sobre esta agentividade, o pronome *te* relaciona-se com agentes do discurso mais animados, havendo apenas um único exemplo em que o sujeito do discurso é menos pessoa, menos animado, conforme demonstração no exemplo [105]. Diante do exposto, cabe-nos testificar que a função prototípica discursiva do pronome *te* é em direção ao tópico, relaciona-se com sujeito sintático desde que o mesmo seja sujeito do discurso e este, por sua vez, deve ser o agente da sentença.

Em suma, considerando o objetivo principal de nossa pesquisa de identificar o uso prototípico e, conseqüentemente, as manifestações não regulares do pronome oblíquo átono *te*, identificamos como características prototípicas: a função sintática de objeto indireto, com sua relação predominante com estruturas verbais simples, principalmente, com o verbo falar; posição proclítica, enquanto colocação pronominal e em relação à função prototípica discursiva, o pronome *te* em direção ao tópico, em uma relação plena com o agente do discurso. No que concerne às manifestações não regulares, destacem-se: as ocorrências sintáticas como objeto direto; a posição mesoclítica, encaminhada a partir da presença da *tmese*; e a presença mínima do objeto direto e indireto pleonásticos.

Portanto, ao almejarmos nosso objetivo e se conseguimos de alguma forma lograr êxito no sentido dele, trazemos no âmago das ações desta pesquisa o interesse de apresentar: para a academia, em sentido macro; para o ensino de língua, em sentido

micro, outra maneira de observarmos/estudarmos a estrutura da língua, sem abrir mão de sua função oracional, do seu papel discursivo e da intenção do falante.

## REFERÊNCIAS

BRITO, Regina P. de. **Teoria dos protótipos: um princípio funcionalista**. In: Todas as Letras, São Paulo, n.1, p. 71-79, 1999.

BYBEE, John. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1998.

Corpo C-Oral-Brasil. Disponível em:

<http://www.linguateca.pt/aceso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>. Acesso em: 08 junho de 2015.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. – 5ed. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.

GIVÓN, Talmy. Prototypes: between Plato and Wittgeinstein. In: CARAIG, C. (Ed.) **Noun classes and categorization**. New York: Academic Press, 1986. p.1-2.

GIVÓN, Talmy. **A compreensão da gramática**. Tradução: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; MARTELOTTA, Eduardo; ALBANI, Filipe. São Paulo: Cortes; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. **Transitivity in Grammar and Discourse**. Language Journal of the Linguistic Society of America Baltimore, Md 56, 1980.

INFANTE, Ulisses. **Gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 1996.

LEECH, G. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

MACEDO, A. V. T. de. **Funcionalismo**. Revista Veredas, Juiz de Fora, v.1, n. 2, p. 73-88 – jan./jun., 1998.

MARTELOTTA, Mário E. & AREAS, Eduardo K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 17 – 28.

MATOS, D. P. de. **Perspectivas gramatical e discursiva no uso do pronome lhe**. 2008. (Tese) Doutorado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal Fluminense – UFF. Rio de Janeiro, 2008.

MATOS, D. P. de. Transitividade: de uma perspectiva categorial/formal para uma perspectiva oracional/funcional. In: SILVA, C. R.; MATOS, D. P. de. (Orgs.). **Sintaxe do Português: abordagens funcionalistas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 33-64.

MOTA, M. A. **A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no Português oral de São João da Ponte (MG)**. 2008. (Dissertação) Mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2008.

NICHOLS, J. **Functional theories of Grammar**. In: Annual Review of Anthropology. Berkeley: Annual Reviews Inc, 1984.

PEZATTI, E.G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 165-218.

SACCONI, L. A. Dicionário essencial da língua portuguesa. São Paulo: Atual, 2001.

SARAIVA, L. M. **A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inqueritos do projeto NURC: uma análise contrastiva**. 2008. (Dissertação) Mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte, 2008.

VANDERLEI, D. de M. **Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te**. 2014. (Dissertação) Mestrado em Linguística. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, 2014.

VOTRE, S. J. (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

WITTGENSTEIN, L. **Tratado lógico-filosófico e investigações filosóficas**. Trad. M. S. Loureiro. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1987.

## **ANEXOS – PARTE 1**

08/06/2015

Procura



# Resultados da procura

Mon Jun 8 22:57:57 WEST 2015

Procura: "te"

Pedido de uma concordância em contexto

Corpo: C-Oral-Brasil v. 3.2

210 ocorrências.

## Concordância

Procura: "te".

ô, mas tem outros lugares, o negócio é que a gente não procurou // 51 eu te mandei uma lista // 52 com uns dez lugar diferentes .

Eu, se eu fosse cê fazia isso não, Carlão // 204 se eu fosse cê matava aqui o\$/ // 205 eu te avisei, Zé // 206 p ' cê + CAR

Tô te falando com cê que morreu, uai // 216 olha, p ' cê ver // 217 olha aonde que ea

vai morrer . Tem um aqui que vou te falar uma coisa // 225 tá difícil, viu, Zé .

Deixa eu te falar .

Hhh eu te mostrei, né,

Tommaso . Mas que o

Bruno te mostra, depois .

Eu nsei nem o nome dele, pra te falar a verdade .

Se \_\_UNDEF\_\_ fosse ruim pra mim, eu tinha te dado um chute com minha perna direita, cê tava voando até hoje e ntinha chegado no lugar .

diz ela que te conhecia // TIT

E ' chega pr ' \_\_UNDEF\_\_ pra te cumprimentar, e ' & f / 2 cê pegar na mão dele, o\$, e ' faz só

assim, o\$. Hhh deixa eu ver como que eu te explico .

Ncai uma folha da árvore sem que

& te + Mar Fran, vou te contar .

Então depois eu termino de te contar .

Bom, então e ' tá te explicando, e a batata tá

---

queimando . Cuidado que es tão te fritando .

---

Vou te contar,

velho . Hhh

isso não te diz

---

nada .

---

Nte eduquei pra isso // BRU

---

tenho // & te + De repente Califórnia, eu nsabia que ia sair no cinema, a gente baixou, eu já

tenho // JAN Aí, conversamo, aí eu falei assim, não, foi algo que eu te falei que eu não

---

concordei + Mar

---

A gente saiu, ela não brigou com cê em momento algum, te dando beijinho, carinho super gente boa e \_\_UNDEF\_\_ assim, conversando comigo, tipo assim .

---

Cara, igual a Sílvia, eu vou te falar assim por exemplo, eu brigo

com a Sílvia . Fora as pessoas te acotovelando, e sendo

---

mal-educadas .

---

Eu vou te matar, mas tudo bem .

---

Gente boa pra caramba, yyy, a gente te adora .

---

é, aí no meio do da noite ele tem crise de mau humor, e quer pegar taxi, e sai pede um táxi e te leva junto, aí chega assim e desce do carro, e fala que tava sem dinheiro .

---

Ah, e por que es te

chama de Vó . Não, mas

---

eu, / antes de te conhecer

---

. Quem te falou que eu

---

sou bicha . Quis te amar .

---

Eu dei o meu carimbo + é porque eu falei assim, não, eu te passo todos os meus estágios e tal, cê muda umas uns menino ou outro aí, e pega esses carimbo e vai fazer seu estágio .

---

Cê viu que ela te fodeu, né .

---

Ela te, mostrou o jogo mais

difícil cê fazer . Eu nvou te

ajugar mais não .

---

Ea só tá jogando pa te

arrebentar, Lívia . Depois eu

te mostro .

Depois eu te mostro ela .

Eu queria passar na praia, a mamãe te contou que o Irineu adicionou ela no Facebook .

Sabe que eu tava pensando, hoje eu tava indo te buscar, e eu tô passando lá no bairro do Bólha, falei, Nossa, mas esse bairro é muito feio .

Xá eu te contar uma coisa, esse bichim não tá

segmentando, tá . Depois eu vou te mostrar essas

coisas .

Senão eu te

atrapalho .

Eu vou te

falar .

Eu mandei até pra uma menina de Napoli, eu vou te mandar um texto que ela mandou,

mas lindo . Eu vou te & man .

é esse agora // 31 que nós te falamos, ué .

Gente, eu, te falei, a Fabíola, eu falei se \_\_UNDEF\_\_ nfaria // 36 aí cê ainda falou, não, eu nvou fazer que né uma, disciplina que tem a ver comigo // 37 eu concordei, nós conversamos tanto sobre isso, Lau .

Leva não // 207 mas os trem tá aumentando demais // 208 o prano de saúde vai aumentar de novo / / 209 foi por isso que es te deram só seis meses, naquela folheta // 210 que es sabia do aumento // 211 povo é esperto .

Ah, & te + aí cê vai converter de novo .

Yyyy + então é melhor te ensinar pela Antônio Carlos .

Bruna, eu te ensino pelo Anel, mas cê vai ver que cê vai ficar perdida .

Que daqui a pouco eu te falo essa aqui, e, esse cara, ele é muito importante .

Nsei se eu já te contei .

Não, depois te explico, bem, assim .

---

Tudo meio torto, assim // & n nsei, eu acho que esse aí ntem o Gaudí, aqui, que eu queria tanto te mostrar .

---

Eu te passava uns assim, cê ia fazendo depois me entregava .

---

Eu já cansei de te falar .

---

Ela dá aquela raspadinha de seis números, cinco número, ou seja se cê n, destacar, e não conseguir ganhar o prêmio eles te dão, acho que cem reais, uma coisa assim .

---

Depois eu, venho e te ajudo a lavar .

---

Vou te mostrar .

---

Eu falei, mas eu ntem mais / 4 eu ntenho mais dinheiro, como é que eu vou te dar .

---

Eu simplesmente te vi mijando no bidê .

---

Aí depois, no dia seguinte ela me ligou, ah, Bruno, eu queria te contar uma coisa, que nsei o que lá .

---

Aí Marco foi e falou assim, Noyyyy uma bomba pra te contar de yyy .

---

Quem te contou .

---

Quem te contou .

---

Aí o, Marco, vai, tenho uma bomba pra te contar .

---

Como eu te falei ontem .

---

E são logo esses que te falam .

---

Peraí que ela vai te atender aí .

---

Aí, chegou de manhã e tal, ele levantou, e falou, o'\$', eu vou te falar outra coisa, hein .

---

Santo Pai, nós te pedimo uma benção para todos os irmão através de toda a tua Terra habitada, principalmente os irmãos que moram em país aonde tem guerra, fome, doença, e às vezes até catástrofe .

---

Pedimos o perdão pelo nosso pecado, pela nossas falha, que são inúmeras, e todas as coisas que nós te pedimo e agradecemos, néem nosso nome .

---

Aí quando cê fizer a prova, cê leva esse formulariozim que es vão te dar p ' professor, o professor, preenche, e depois cê, espera terminar tudo, né .

---

é, aquilo que eu te mostrei .

---

Que é aquele que eu te mostrei aquedia

---

que yyy . Eles te deram, definitivo .

---

Tem uma igreja aqui, eu vou te mostrar onde é que é, o'\$.  

---

Agora, minha filha, depois que & te + e ' já tava, com pressão alta, parecendo que já tava presentindo que ia ter alguma coisa, sabe .

Cê quer + vou te dar moeda,

tá, filhote . Então vou te dar

de vinte-e-cinco .

Pena que eu njogo, né, moça, senão eu te

ajudava . Deixa te mostrar minha

personagem de verdade . Esse jogo te

influenciou umpouco.

Pois é, que eu tava te falando .

Ali ele olha, e tem um outro Torpedo, ele fala, estou te dando um Torpedo de presente, e vou produzir o seu filme .

Ela ntava andando daquele jeito que eu te mostrei, ela entrou no carro, com a gente, e

foi, sabe . & he + mas que que mais que eu ia te contar .

Era isso que eu ia te perguntar aquela hora .

Aí é sério esse negócio aí, que eu tava te falando do

dinheiro aí . Xá eu te falar, sô .

Como é que eu te agüentei tanto tempo, hein .

Uai, mas se eu te & conheç / 4 se \_\_UNDEF\_\_ me conhecesse quando eu

era criança . Claro, era só te ensinar .

Era só te ensinar .

Pois vai ter que arrumar um & f / 6 vou ter que, te arrumar um filho pcê

trocar fralda . Hoje mesmo vou te procurar FLA

Queria não ter te

conhecido BMR Eu já

te contei a da

porquinha . Ah, nte

contei .

ô João, mãe tá te chamando .

---

Porque a idéia de te incentivar a fazer Letras foi dela .

---

Aquele dia eles vieram cá pa te pedir autorização .

---

Ele vivia falando pra gente assim, diga-me com que andas, eu te direi

---

quem tu és . Mãe, já te contei a história da + é o seguinte .

---

A única alteração básica que eu queria te mostrar mesmo, eu vou botar em microfone interno pra gente poder gravar .

---

Eu ntenho como te comer de lado

assim não . é o que eu tô te falando

---

que npode .

---

Mas eu vou te

contar, viu .

Agora eu te

dou xeque . Eu

---

te dei a torre +

---

é .

---

Xá eu, te mostrar .

é, eu vou te contar dois casos a respeito disso // 5 o Laurinho, & he, sobrinho do João, ele estudou no, do Bueno Brandão .

---

é // 35 aí, determinada hora lá, tava na hora de sair o velório, de ir po cemitério, o filho mais velho vai lá dentro, porque a dona Elvira até então ntinha aparecido cá fora, né // 36 vai lá dentro, fala, ô mãe, o\$/ // 37 tá na hora de sair o corpo // 38 de sair o enterro // 39 sio ', precisa de ir lá p ' siora despedir / // 40 do pai lá, e tal // 41 não, nvou lá não // 42 aí ea falou, não, vou lá não // 43 mas ô mãe, mas nfica bem, mãe // 44 pensou o + 45 todo mundo aí, vai, agora a siora, sai o enterro, sio ' nvai lá // 46 não, vou lá não // 47 aí, passou um pouquim, o filho, achando que tava errado aquele negócio, voltou lá outra vez // 48 ô mãe // 49 vão lá, mãe // 50 só só pa, dar uma satisfação // 51 siora despede lá, e, sai o enterro // 52 ea falou, então tá certo // 53 eu vou lá // 54 aí, chegou lá, o caixão tava no meio da sala, ela levou o dedo no nariz do seu Pedro, e falou, pois é, né, Pedro // 55 eu te falei, né, eu te avisei // 56 \_\_UNDEF\_\_ nquis me ouvir // 57 \_\_UNDEF\_\_ nme ouviu // 58 eu te avisei, nfoi // 59 pois é / // 60 cê nme escutou // 61 agora eu quero que cê vá é pas profunda dos inferno // 62 que lá é que é o seu lugar // 63 aí es, correram depressa, tamparam o caixão, e racharam embora .

---

é // 35 aí, determinada hora lá, tava na hora de sair o velório, de ir po cemitério, o filho mais velho vai lá dentro, porque a dona Elvira até então ntinha aparecido cá fora, né // 36 vai lá dentro, fala, ô mãe, o\$/ // 37 tá na hora de sair o corpo // 38 de sair o enterro // 39 sio ', precisa de ir lá p ' siora despedir / // 40 do pai lá, e tal // 41 não, nvou lá não // 42 aí ea falou, não, vou lá não // 43 mas ô mãe, mas nfica bem, mãe // 44 pensou o + 45 todo mundo aí, vai, agora a siora, sai o enterro, sio ' nvai lá // 46 não, vou lá não // 47 aí, passou um pouquim, o filho, achando que tava errado aquele negócio, voltou lá outra vez // 48 ô mãe // 49 vão lá, mãe // 50 só só pa, dar uma satisfação // 51 siora despede lá, e, sai

o enterro // 52 ea falou, então tá certo // 53 eu vou lá // 54 aí, chegou lá, o caixão tava no meio da sala, ela levou o dedo no nariz do seu Pedro, e falou, pois é, né, Pedro // 55 eu te falei, né, eu te avisei // 56 \_\_UNDEF\_\_ nquis me ouvir // 57 \_\_UNDEF\_\_ nme ouviu // 58 eu te avisei, nfoi // 59 pois é // 60 cê nme escutou // 61 agora eu quero que cê vá é pas profunda dos inferno // 62 que lá é que é o seu lugar // 63 aí es, correram depressa, tamparam o caixão, e racharam embora .

é // 35 aí, determinada hora lá, tava na hora de sair o velório, de ir po cemitério, o filho mais velho vai lá dentro, porque a dona Elvira até então ntinha aparecido cá fora, né // 36 vai lá dentro, fala, ô mãe, o\$/ // 37 tá na hora de sair o corpo // 38 de sair o enterro // 39 sio ', precisa de ir lá p ' siora despedir // 40 do pai lá, e tal // 41 não, nvou lá não // 42 aí ea falou, não, vou lá não // 43 mas ô mãe, mas nfica bem, mãe // 44 pensou o + 45 todo mundo aí, vai, agora a siora, sai o enterro, sio ' n vai lá // 46 não, vou lá não // 47 aí, passou um pouquim, o filho, achando que tava errado aquele negócio, voltou lá outra vez // 48 ô mãe // 49 vão lá, mãe // 50 só só pa, dar uma satisfação // 51 siora despede lá, e, sai o enterro // 52 ea falou, então tá certo // 53 eu vou lá // 54 aí, chegou lá, o caixão tava no meio da sala, ela levou o dedo no nariz do seu Pedro, e falou, pois é, né, Pedro // 55 eu te falei, né, eu te avisei // 56 \_\_UNDEF\_\_ nquis me ouvir // 57 \_\_UNDEF\_\_ nme ouviu // 58 eu te avisei, nfoi // 59 pois é // 60 cê nme escutou // 61 agora eu quero que cê vá é pas profunda dos inferno // 62 que lá é que é o seu lugar // 63 aí es, correram depressa, tamparam o caixão, e racharam embora .

Eu liguei po meu médico, falei assim, doutor Fernando // 109 ô língua, hein // 110 porque quando o Bernardo nasceu, que eu liguei pra ele, falei assim, doutor Fernando // 111 tava passando Hebe Camargo // 112 falei, doutor Fernando // 113 eu tô aqui em casa, o Haroldo ainda nchegou não, eu tô sentindo assim uma dorzinha na barriga, sior acha que já é algum sinal // 114 porque o do Gabriel eu internei antes, que ele antecipou o parto dezessete dias // 115 que minha pressão tinha tava querendo subir um pouquim, aí ele falou, não, vão antecipar, já tá na posição boa, tal // 116 então, ele furou a bolsa, e o Gabriel nasceu de parto normal, beleza // 117 então eu nsei // 118 eu tomei anestesia antes de sentir dor, ele falou, não precisa de sentir dor // 119 começou dar contração já vou te dar anestesia // 120 dor é coisa do passado, nsei o quê // 121 beleza // 122 o Bernardo, aí ele falou assim, Regina, do jeito que eu te conheço, e sei que cê é tranqüila, eu falei, cê pode ir pro hospital sim // 123 que até cê sair de Contagem e chegar aqui no Otaviano Neves // 124 porque no Otaviano Neves que es nasceram // 125 falei, ah, então assim, doutor Fernando, eu vou, e peço o médico de plantão, pra e ' olhar // 126 se ele achar que tá, já na hora, aí eu ligo pro sior, sior vai po Otaviano Neves // 127 sior mora lá perto, tal // 128 não, beleza // 129 então faz isso // 130 que e ' tava dormindo // 131 aí na hora que eu chego no Otaviano Neves, tá bem sentadinho // 132 e ' lá na recepção me esperando // 133 aí eu falei assim, ah, o sior veio // 134 e \_\_UNDEF\_\_ acha, que eu nte conheço // 135 cê é tranqüila, demais, nsei o quê // 136 pode saber // 137 foi lá olhar, tô te falando // 138 já tá com nsei com quantos centímetros de dilatação // 139 aí, batata // 140 ele falou assim, na hora que cê sentir uma pressãozinha + 141 me deu anestesia, tal // 142 na hora que cê sentir uma pressão, lá na sala, do lado da sala de parto, já tava deitada, esperando, cê me fala, que a gente vai // 143 aí ele conversou, né, e ' falando de peixe, de pescaria, de comida // 144 o anestesista tinha me dado anestesia, e falou assim, se toda paciente minha fosse igual a sua, tava feliz demais // 145 porque eu tô preparando a anestesia, eas fala assim, tá doendo // 146 tá doendo // 147 nem dei anestesia // 148 e \_\_UNDEF\_\_, nessa tranqüilidade, ainda falando de comida, de nsei o quê, tal // 149 falei, beleza // 150 doutor Fernando // 151 eu acho, que eu tô sentindo uma pressão // 152 que cê tá anestesiado, cê perde a sensibilidade, assim // 153 ô Regina // 154 o Bernardo já tá nascendo, Regina // 155 uma pressão // 156 correu comigo pra sala que é do lado, né, aí o Paulim até vê a fita, e fica assim, cadê o que o médico fala .

Eu liguei po meu médico, falei assim, doutor Fernando // 109 ô língua, hein // 110 porque quando o Bernardo nasceu, que eu liguei pra ele, falei assim, doutor Fernando // 111 tava passando Hebe Camargo // 112 falei, doutor Fernando // 113 eu tô aqui em casa, o Haroldo ainda nchegou não, eu tô

sentindo assim uma dorzinha na barriga, sior acha que já é algum sinal // 114 porque o do Gabriel eu internei antes, que ele antecipou o parto dezessete dias // 115 que minha pressão tinha tava querendo subir um pouquim, aí ele falou, não, vão antecipar, já tá na posição boa, tal // 116 então, ele furou a bolsa, e o Gabriel nasceu de parto normal, beleza // 117 então eu nsei // 118 eu tomei anestesia antes de sentir dor, ele falou, não precisa de sentir dor // 119 começou dar contração já vou te dar anestesia // 120 dor é coisa do passado, nsei o quê // 121 beleza // 122 o Bernardo, aí ele falou assim, Regina, do jeito que eu te conheço, e sei que cê é tranqüila, eu falei, cê pode ir pro hospital sim // 123 que até cê sair de Contagem e chegar aqui no Otaviano Neves // 124 porque no Otaviano Neves que es nasceram // 125 falei, ah, então assim, doutor Fernando, eu vou, e peço o médico de plantão, pra e ' olhar // 126 se ele achar que tá, já na hora, aí eu ligo pro sior, sior vai po Otaviano Neves // 127 sior mora lá perto, tal // 128 não, beleza // 129 então faz isso // 130 que e ' tava dormindo // 131 aí na hora que eu chego no Otaviano Neves, tá bem sentadinho // 132 e ' lá na recepção me esperando // 133 aí eu falei assim, ah, o sior veio // 134 e \_\_UNDEF\_\_ acha, que eu nte conheço // 135 cê é tranqüila, demais, nsei o quê // 136 pode saber // 137 foi lá olhar, tô te falando // 138 já tá com nsei com quantos centímetros de dilatação // 139 aí, batata // 140 ele falou assim, na hora que cê sentir uma pressãozinha + 141 me deu anestesia, tal // 142 na hora que cê sentir uma pressão, lá na sala, do lado da sala de parto, já tava deitada, esperando, cê me fala, que a gente vai // 143 aí ele conversou, né, e ' falando de peixe, de pescaria, de comida // 144 o anestesista tinha me dado anestesia, e falou assim, se toda paciente minha fosse igual a sua, tava feliz demais // 145 porque eu tô preparando a anestesia, eas fala assim, tá doendo // 146 tá doendo // 147 nem dei anestesia // 148 e \_\_UNDEF\_\_, nessa tranqüilidade, ainda falando de comida, de nsei o quê, tal // 149 falei, beleza // 150 doutor Fernando // 151 eu acho, que eu tô sentindo uma pressão // 152 que cê tá anestesiado, cê perde a sensibilidade, assim // 153 ô Regina // 154 o Bernardo já tá nascendo, Regina // 155 uma pressão // 156 correu comigo pra sala que é do lado, né, aí o Paulim até vê a fita, e fica assim, cadê o que o médico fala .

---

Eu liguei po meu médico, falei assim, doutor Fernando // 109 ô língua, hein // 110 porque quando o Bernardo nasceu, que eu liguei pra ele, falei assim, doutor Fernando // 111 tava passando Hebe Camargo // 112 falei, doutor Fernando // 113 eu tô aqui em casa, o Haroldo ainda nchegou não, eu tô sentindo assim uma dorzinha na barriga, sior acha que já é algum sinal // 114 porque o do Gabriel eu internei antes, que ele antecipou o parto dezessete dias // 115 que minha pressão tinha tava querendo subir um pouquim, aí ele falou, não, vão antecipar, já tá na posição boa, tal // 116 então, ele furou a bolsa, e o Gabriel nasceu de parto normal, beleza // 117 então eu nsei // 118 eu tomei anestesia antes de sentir dor, ele falou, não precisa de sentir dor // 119 começou dar contração já vou te dar anestesia // 120 dor é coisa do passado, nsei o quê // 121 beleza // 122 o Bernardo, aí ele falou assim, Regina, do jeito que eu te conheço, e sei que cê é tranqüila, eu falei, cê pode ir pro hospital sim // 123 que até cê sair de Contagem e chegar aqui no Otaviano Neves // 124 porque no Otaviano Neves que es nasceram // 125 falei, ah, então assim, doutor Fernando, eu vou, e peço o médico de plantão, pra e ' olhar // 126 se ele achar que tá, já na hora, aí eu ligo pro sior, sior vai po Otaviano Neves // 127 sior mora lá perto, tal // 128 não, beleza // 129 então faz isso // 130 que e ' tava dormindo // 131 aí na hora que eu chego no Otaviano Neves, tá bem sentadinho // 132 e ' lá na recepção me esperando // 133 aí eu falei assim, ah, o sior veio // 134 e \_\_UNDEF\_\_ acha, que eu n te conheço // 135 cê é tranqüila, demais, nsei o quê // 136 pode saber // 137 foi lá olhar, tô te falando // 138 já tá com nsei com quantos centímetros de dilatação // 139 aí, batata // 140 ele falou assim, na hora que cê sentir uma pressãozinha + 141 me deu anestesia, tal // 142 na hora que cê sentir uma pressão, lá na sala, do lado da sala de parto, já tava deitada, esperando, cê me fala, que a gente vai // 143 aí ele conversou, né, e ' falando de peixe, de pescaria, de comida // 144 o anestesista tinha me dado anestesia, e falou assim, se toda paciente minha fosse igual a sua, tava feliz demais // 145 porque eu tô preparando a anestesia, eas fala assim, tá doendo // 146 tá doendo // 147 nem dei anestesia // 148 e \_\_UNDEF\_\_, nessa tranqüilidade, ainda falando de comida, de nsei o quê, tal // 149 falei, beleza // 150 doutor Fernando // 151 eu acho, que eu tô sentindo uma pressão // 152 que cê tá anestesiado, cê perde a sensibilidade, assim // 153 ô Regina // 154 o Bernardo já tá nascendo, Regina // 155 uma pressão // 156 correu comigo pra sala que é do lado, né, aí o Paulim até vê a fita,

e fica assim, cadê o que o médico fala .

---

Eu liguei po meu médico, falei assim, doutor Fernando // 109 ô língua, hein // 110 porque quando o Bernardo nasceu, que eu liguei pra ele, falei assim, doutor Fernando // 111 tava passando Hebe Camargo // 112 falei, doutor Fernando // 113 eu tô aqui em casa, o Haroldo ainda nchegou não, eu tô sentindo assim uma dorzinha na barriga, sior acha que já é algum sinal // 114 porque o do Gabriel eu internei antes, que ele antecipou o parto dezessete dias // 115 que minha pressão tinha tava querendo subir um pouquim, aí ele falou, não, vão antecipar, já tá na posição boa, tal // 116 então, ele furou a bolsa, e o Gabriel nasceu de parto normal, beleza // 117 então eu nsei // 118 eu tomei anestesia antes de sentir dor, ele falou, não precisa de sentir dor // 119 começou dar contração já vou te dar anestesia // 120 dor é coisa do passado, nsei o quê // 121 beleza // 122 o Bernardo, aí ele falou assim, Regina, do jeito que eu te conheço, e sei que cê é tranqüila, eu falei, cê pode ir pro hospital sim // 123 que até cê sair de Contagem e chegar aqui no Otaviano Neves // 124 porque no Otaviano Neves que es nasceram // 125 falei, ah, então assim, doutor Fernando, eu vou, e peço o médico de plantão, pra e ' olhar // 126 se ele achar que tá, já na hora, aí eu ligo pro sior, sior vai po Otaviano Neves // 127 sior mora lá perto, tal // 128 não, beleza // 129 então faz isso // 130 que e ' tava dormindo // 131 aí na hora que eu chego no Otaviano Neves, tá bem sentadinho // 132 e ' lá na recepção me esperando // 133 aí eu falei assim, ah, o sior veio // 134 e \_\_UNDEF\_\_ acha, que eu nte conheço // 135 cê é tranqüila, demais, nsei o quê // 136 pode saber // 137 foi lá olhar, tô te falando // 138 já tá com nsei com quantos centímetros de dilatação // 139 aí, batata // 140 ele falou assim, na hora que cê sentir uma pressãozinha + 141 me deu anestesia, tal // 142 na hora que cê sentir uma pressão, lá na sala, do lado da sala de parto, já tava deitada, esperando, cê me fala, que a gente vai // 143 aí ele conversou, né, e ' falando de peixe, de pescaria, de comida // 144 o anestesista tinha me dado anestesia, e falou assim, se toda paciente minha fosse igual a sua, tava feliz demais // 145 porque eu tô preparando a anestesia, eas fala assim, tá doendo // 146 tá doendo // 147 nem dei anestesia // 148 e \_\_UNDEF\_\_, nessa tranqüilidade, ainda falando de comida, de nsei o quê, tal // 149 falei, beleza // 150 doutor Fernando // 151 eu acho, que eu tô sentindo uma pressão // 152 que cê tá anestesiado, cê perde a sensibilidade, assim // 153 ô Regina // 154 o Bernardo já tá nascendo, Regina // 155 uma pressão // 156 correu comigo pra sala que é do lado, né, aí o Paulim até vê a fita, e fica assim, cadê o que o médico fala .

---

Por que que cê nme ligou // 179 cê tá brincando comigo // 180 eu te ligar // 181 como // 182 minha mãe, sem chance // 183 eu, ntinha condições // 184 ninguém conseguia ligar po sior // 185 e também ia adiantar, o, quê // 186 pois eu ncheguei nem no Barreiro, né // 187 que dirá lá no Lifecenter, na Contorno // 188 nia, nascer João .

---

E eu conto pra todo mundo // 133 e meu marido tem uma tem uma história também, que eu tenho certeza, se ele tivesse aqui ele ia te contar essa história .

---

, aí, o caminhão virou, a menina, o capô do carro bateu na, frente dela aqui, e, matou-a na hora // 144 dormindo // 145 cinco hora da manhã // 146 então, e se + 147 essa história da menina, eu tenho certeza que e ' nte conta não // 148 mas a história da filha, atual, ele te conta // 149 sabe // 150 porque ele ama, ele chama ela de, «fuminho», né, «meu pretinho», papai ngüenta carregar mais, mas, ngüenta pegar mais, porque tá muito grande, mas é essa é a história, e é a vida, que nós temos aqui em casa // 151 essa vida corrida, que eu trabalho muito, mas, ndeixo de dar amor, ndeixo de dar carinho, né, e, cobro muito dela, cobro mesmo, cê ntá percebendo que a gente tá cobrando, porque hoje tá tudo muito tranqüilo // 152 mas se tivesse fazendo qualquer raiva, cê tava escutando meus grito aqui // 153 Mislaine // 154 né // 155 mas, graças a Deus, aí essa aí é a história .

---

, aí, o caminhão virou, a menina, o capô do carro bateu na, frente dela aqui, e, matou-a na hora // 144 dormindo // 145 cinco hora da manhã // 146 então, e se + 147 essa história da menina, eu tenho certeza que e ' nte conta não // 148 mas a história da filha, atual, ele te conta // 149 sabe // 150

porque ele ama, ele chama ela de, «fuminho», né, «meu pretinho», papai ngüenta carregar mais, mas, ngüenta pegar mais, porque tá muito grande, mas é essa é a história, e é a vida, que nós temos aqui em casa // 151 essa vida corrida, que eu trabalho muito, mas, ndeixo de dar amor, ndeixo de dar carinho, né, e, cobro muito dela, cobro mesmo, cê ntá percebendo que a gente tá cobrando, porque hoje tá tudo muito tranqüilo // 152 mas se tivesse fazendo qualquer raiva, cê tava escutando meus grito aqui // 153 Mislaine // 154 né // 155 mas, graças a Deus, aí essa aí é a história .

---

Eu tô te ligando, porque me deu muita saudade de você .

---

Peixe // & he, hoje, eu descobri um + hoje não, vou te falar, tem três semanas, tem um concorrente aí, que é o cara do Badejo, que é o cara que, tem um bom restaurante de peixe em Belo Horizonte, que ele fez uma experiência, lá em Ilhéus, de pegar, nts, o peixe de rio, e colocar no mar .

---

Agora, & he, pra fazer um jantar assim, é isso que eu tô te falando .

---

Se eu te passar a receita aqui, e falar assim, quanto tempo, eu nvou conseguir // & he, & he, cê tem que pegar os frutos do mar e tem que ter um certo conhecimento .

---

Eu, é igual eu já te falei .

---

Eu, igual eu tava, também, te falando, & he, sou todo tatuado, assim, tal .

---

E é igual eu já te falei .

---

Quando chegou lá, ela falou assim, aí João Soldado, eu vim te buscar .

---

Cê já tá com mais de cem ano, e nós perdemo seu registro, agora vim te buscar .

---

Eu vim te buscar que o capetão lá, o chefe, mandou eu te buscar .

---

Eu vim te buscar que o capetão lá, o chefe, mandou eu te buscar .

---

Ah, porque a morte veio cê nlevou, agora, mandou eu te buscar .

---

Eu vim te buscar .

---

Cê lembra que eu te falei c ' \_\_UNDEF\_\_, p ' pedir a salvação da alma, cê nquis .

---

Mas que te dá habilitação pra, publicidade .

---

Então ele não é um curso próprio em publicidade, mas ele te dá habilitação, pra você, & he, exercer, o curso, né.

---

Mas, igual eu tava te falando, essa essa prima de Esmeralda, ela, fez publicidade, e ela falando comigo que ela sempre, teve vontade de ser, uma coisa na vida .

---

Como eu te disse, de repente o cara, dependendo da formação dele, da formação acadêmica dele, dos conhecimentos dele, ele acha que aquilo ninterfere na obra do compositor .

---

Mas, eu nunca peguei, qualquer diferença na minha vida, sou incapaz de pegá-lo, e vou te falar mais .

---

, cê, muito mais concentração, o pai-de-santo, e, a equede e o ogã, no caso, ficam por sua conta, né, pa

cuidar de você, e te ensinar as coisas, cê aprende muito mais .

Ntem janela, só tem uma porta, que você não abre, em momento algum, cê fica lá dentro, e pra, es poder te atender, cê tem que, bater palma .

Es te dão tudo .

Aí eu falei assim, deixa eu te falar, eu vou trazer umas roupas minhas no + FLA

Meu tio, nsei se eu te contei esse bafo, muito tempo atrás, a Madonna, no início da carreira dela ela posou nua . Ele tava tentando te converter, bobo .

Amanhã eu vou te dar o dinheiro,

hein, xxx . Aí ele, o quê, eu falei

assim, te dar um beijo .

Ele tá assim, não, Júnia, eu achei que cê nia falar, que eu tô louco pa te beijar desde

aquele dia . Eu te falei, me dá ele aí, pai .

Vou te esperar esgoelar .

Eu te chamei três vezes p ' cê me dar ele .

Yyyy eu queria te passar isso aqui primeiro // 5 não // 6 o Geraldo, ele me deu isso aqui pra fazer as cópias, e ele foi lá na prefeitura, porque, o Ibraim, tá questionando o seguinte .

Xá eu te falar, tô querendo fluoxetina .

Que ea falou que ia, vim aqui pra te

pagar, e tal . Hoje eu vou te contar .

Que ea falou que vinha aqui pra te pagar, aí eu já levo

duma vez . Ah, ele vai te dar .

Eu que te agradeço .

Então é o seguinte // & he, & he, eu tava falando aqui acho que eu já até te falei, da proposta da gincana . O'\$, se \_\_UNDEF\_\_ quer, eu já te dou uma dica .

é isso que eu ia te perguntar .

Mas depois eu vou te contar porque .

é bem uma questão pessoal, mas eu vou te contar depois, é, eu vou explicar

depois por que . Lembra que uma hora que eu te mostrei .

---

Eu

te

ap

an

ho

.

Eu

te

ap

an

ho

.

---

Bom // 11 primeiro modelo que eu vou te mostrar, né // 12 confesso também que tem pouquíssimo modelo /

13 porque agora é coleção outono-inverno, né .

---

Aquele esquema que eu te falei .

---

Porque, é o que eu te falei, né .

---

Pode vim aqui que eu vou te mostrar .

---

Desse preto + a ' o fechado que eu te falei .

---

Xá eu te ajudar .

---

Aí cê experimenta essa primeiro, porque eu nsei o estilo de blusa que você, quer, aí eu te ajudo, viu .

---

Ivani, deixa eu te falar .

---

A xxx tá te pedindo yyyy pra poder levar pra mãe dela no hospital .

---

Ntô te falando .

---

Qualquer coisa eu te grito .

---

Eu te chamo .

---

Seu pai te assovia .

---

A mamãe vai te gritar .

---

Cê tá querendo que te serve aqui .

---

Deixa eu te perguntar .

---

Cê lembra, que eu até te levei cê na sua casa .

Eu vou lá, cê quer que te deixa em casa .

---

Qual que o menino te pediu .

---

Nsei qual que ele te pediu .

---

Mas, & he + eu queria que cê me desse uma orientação aí, porque eu sei que, & he, & he, se foi / 1 foi culpa minha também, o fato d' eu & te + & fico / 1 virou uma bolha de / 2 bola de neve, essas atividades, né .

---

No, cê conseguir fazer isso aí, te & agr / 2 te agradeço .

---

No, cê conseguir fazer isso aí, te & agr / 2 te agradeço .

---

E tudo é que nem eu tô te falando, aqui o, essas peças de cima, alá o, essa aqui já tá cicatrizada, essa daqui é porque ela acabou de fazer .

---

Eu esqueci de te perguntar, mas + pergunta básica .

---

Tem alguma coisa que te chama atenção .

---

é importante, em que que ele te ajuda .

---

Ah, é // 44 esse aí também é um grande problema, né // 45 o tempo, porque eu, tenho dois cargos, né, não tenho tempo // 46 não tenho tempo de fazer aquele planejamento, igual eu gostaria de fazer, e tal / / 47 eu faço é um rascunho // 48 do que que eu vou fazer naquele dia lá, lógico que néem cima da hora, né // 49 mas uns dois, uns dois três dia assim, e eu penso, né, & he, tipo faço em tópicos, lá // 50 aí eu vou fazer isso e isso, & he, planejo, preparo o material, e executo // 51 agora, se eu for olhar tempo mesmo, né, de sentar e escrever, aquilo, pra dar aquela aula ideal, né, aquela aula igual se dá no EDUCONLE que cê acha que é é tudo de bom, né, ntem, porque também eu acho que, & he, depende muito dos alunos de tar preparado, por exemplo, cê prepara aquela aula, maravilhosa, e acha que vai dar tudo certo, de repente \_\_UNDEF\_\_ encontra lá o aluno, né, que, & he, & he, foi pra escola, n almoçou, tá com fome, ou brigou com o pai, ou aquelas questões todas familiares que vão influenciar / / 52 então aquela aula linda, vai toda pro ralo, né // 53 então, em relação + 54 & he, isso eu vejo que + 55 também eu acho que nésó por causa, de ser aluno de escola pública, né // 56 é gente, cê tá mexendo com gente, e, nem sempre cê tá disposto a assistir uma aula, né, & he, animado a fazer aquilo que o professor te propõe, né // 57 essas coisas acontecem // 58 mas em relação ao tempo, eu penso muito nisso assim // 59 de, ter, né, esse tempo, de sentar mesmo e planejar bem mais pra frente // 60 pa nficar né, aquela coisa assim, & he, tocada // 61 né, & he, organizadinha, tudo direitim, plano de aula, & he, com material adequado, pra aquilo ali .

---

Melhora bastante // 70 porque, eu sei porque eu tô em duas escolas, uma eu tenho coordenadora, né, e a outra eu ntenho // 71 é orientadora // 72 então, a orientadora, ela nquer fazer o papel da

coordenadora // 73 e, vice-versa // 74 né // 75 então, tem que ter pessoas, com disposição pra ajudar o professor, né // 76 e isso ntem no Estado // 77 tá tentando mudar, mas, tá difícil ainda, né // 78 e eu nconcebo a idéia, por exemplo, dum coordenador, coordenar um professor de inglês, sem ter a mínima noção // 79 da língua // 80 até pa te cobrar // 81 né, pa falar assim, Nossa, mas isso aqui, que cê tá fazendo é uma besteira muito grande, né // 82 cê devia fazer assim assado, né .

Népra te dar receita não, mas, é orientar // 85 é ajudar // 86 né, pro trabalho sair melhor // 87 então, na escola que eu tenho a coordenadora, eu vejo que, a parte de, conversar com o aluno, né, em relação à disciplina, problema familiar, & he, problema de material, o aluno que tá desinteressado, tudo, acontece, superbem // 88 funciona // 89 agora, na outra escola, que ntem uma pessoa comprometida com isso, o aluno também ele n quer, se comprometer // 90 uma escola que ntem, limite pra nada // 91 ntem horário pa entrar, ntem horário pa sair // 92 o menino é que / 4 o aluno é que domina, a escola .

Que trabalha na educação indígena, e que a gente conversa há muito tempo, a respeito disso, e ele me passa as coisas que ele acha que são, interessantes, que ele conhece, e que + é, essas pessoas que acabam conhecendo a gente um pouco, e que sabem que que pode te despertar interesse, o que que pode ser + foi um carinho, esse filme .

Então, tô te dando o preço .

Ele quer comprar tudo, ele, tipo, é obcecado por querer, & he, controlar as pessoas, & he, pelo trabalho dele, ele tem que controlar, e ele fica querendo comprar a bunda da mulher, e acaba falando isso com ela, e a mulher fala, ah, não, mas eu ia te dar de graça, cê nquis .

Agora, & he, muitas coisas assim, & he, nsei se, te interessa, mas eu vou falando, depois tu vê se te interessa ou não .

Agora, & he, muitas coisas assim, & he, nsei se, te interessa, mas eu vou falando, depois tu vê se te interessa ou não .

A arte mesmo, ela te obriga a pensar, refletir, & he, sempre traz alguma, coisa que vai te enriquecer, a tua visão de mundo, a, & de + quer dizer, é um yyyy .

A arte mesmo, ela te obriga a pensar, refletir, & he, sempre traz alguma, coisa que vai te enriquecer, a tua visão de mundo, a, & de + quer dizer, é um yyyy .

Enfim, ela amplia a tua consciência, redimensiona tua sensibilidade, só que à primeira vista é difícil, assim, se tu depara com um objeto que tu não consegues, ter uma, pré-catalogação, né, que qualquer coisa inovadora, ela sempre vai te dar um impacto .

[ [voltar](#) ] [ [nova pesquisa](#) ]